

Rejeição cresceu na maioria das capitais

Bolsonaro tem 48%

de reprovação em

SP e 24% de apoio

Min. Presidência



“Reconstruir a pátria com um governo para todos”, diz Arce

O presidente eleito da Bolívia, Luis Arce, tomou posse, domingo, em clima de festa. **Página 6**

Danilo Christidis



ANO XXXI - Nº 3.782 11 a 17 de Novembro de 2020



Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Abrço do afogado está levando para o fundo quem se grudou a ele

A rejeição ao governo Bolsonaro aumentou em 16 capitais brasileiras, das 26 avaliadas, em menos de um mês, segundo pesquisa do Ibope. O aumento do desgaste de Bolsonaro se dá na comparação com a primeira pesquisa realizada pelo instituto

entre a primeira e a segunda quinzena de outubro. Em sete destas capitais o aumento dos que avaliam como ruim ou péssimo o governo Bolsonaro superou a margem de erro da pesquisa. O efeito negativo já atingiu os candidatos a prefeito que grudaram suas imagens a dele. **Pág. 3**

Multidão comemora derrota de Trump, ao lado da Casa Branca



Porto Alegre: Manuela chega a 29,4% e 3 empatam em segundo

A candidata Manuela D'Ávila (PCdoB) ampliou sua vantagem na disputa pela Prefeitura de Porto Alegre, chegando a 29,4% das intenções de voto, de acordo com a nova pesquisa

do Instituto Methodus. No levantamento anterior, uma semana antes, Manuela tinha 26,4%. De acordo com a pesquisa, a candidata do PCdoB é seguida por um empate triplo entre o atual prefeito,

Nelson Marchezan Júnior (PSDB), o ex-vice-prefeito, Sebastião Melo (MDB) e o ex-prefeito, José Fortunati (PTB). O TSE liberou o show online do cantor Caetano Veloso para arrecadar fundos

para a campanha de Manuela à Prefeitura de Porto Alegre. A live está marcada para 12 de novembro, com ingressos a R\$ 30, que podem ser adquiridos no site criado para o evento. **Página 4**

Na Praça Black Lives Matter do lado de fora da Casa Branca, pessoas em êxtase festejaram a vitória de Joe Biden e Kamala Harris e não faltou sequer o boneco inflável Trump,



com a novidade das orelhas de rato. A multidão também se divertiu proclamando o bordão de Trump no seu reality show, 'O Aprendiz': "Você está demitido". De costa a costa a festa se repetiu, com

as pessoas dançando, gritando e buzinando para comemorar que "acabou Trump" [Trump is over]. Muita gente cantou o "na na na hey hey goodbye", para dar um adeuzinho ao presidente bilionário. **Página 7**

Orlando quer escolas em tempo integral e a reindustrialização

"São Paulo é vocacionada para o desenvolvimento, para a indústria. A tecnologia nos permitirá voltar a ser o polo dinâmico da economia nacional", defendeu o candidato a prefeito de São Paulo Orlando Silva (PCdoB), em debate feito pela TV Democracia. **Pág. 3**



Eletrobras socorre o Amapá após privatizada deixar Estado sem luz.

O apagão que deixou mais de 750 mil pessoas sem energia elétrica no Amapá desde o dia 3 de novembro ainda não tem previsão de ser solucionado. A multinacional espanhola Isolux, responsável

pelos transformadores, não mantinha qualquer plano de emergência e foi necessária a intervenção dos trabalhadores da estatal Eletrobrás para a reativação de um dos geradores danificados. **Página 4**

Instituto Butantan começa obras para a construção da fábrica para produzir vacina CoronaVac

O Instituto Butantan anunciou nesta segunda-feira, o início das obras de reforma e adaptação da fábrica que será responsável pela produção da vacina contra o coronavírus, CoronaVac. Quando estiver

pronta, a estrutura será capaz de produzir até 100 milhões de doses da vacina por ano. O governador de São Paulo informou que as primeiras 120 mil doses da vacina serão entregues em 20 de novembro. **P. 4**

Cresce o repúdio à violência contra Mariana Ferrer

Pág. 5

Congresso Nacional derruba veto de Bolsonaro à desoneração da folha

Por maioria esmagadora, Senado e Câmara derrubaram o veto à desoneração da folha de 17 setores até 2021 para fazer frente à Covid. Setores empregam mais de 6 milhões de trabalhadores

O Senado aprovou na quarta-feira (4), por 64 votos a 2, a derrubada do veto do presidente Jair Bolsonaro à prorrogação da desoneração da folha de pagamentos de empresas de 17 setores da economia até 2021.

Mais cedo, a Câmara dos Deputados também derrubou o veto à desoneração da folha salarial. Foram 430 votos a favor, 33 contra e uma abstenção (4).

Em julho, Bolsonaro vetou o dispositivo que prorroga a desoneração da folha de 17 setores que mais empregam no país, seis milhões de trabalhadores.

A prorrogação por mais um ano foi proposta pelo deputado Orlando Silva (PCdoB-SP), em seu relatório da medida provisória que autorizou cortes de jornadas e salários frente à pandemia, com o objetivo de manter o emprego dos trabalhadores e dar fôlego às empresas frente à crise econômica agravada pela Covid-19 com a paralisação de suas atividades.

Durante quatro meses empresários e sindicalistas se manifestaram em defesa da derrubada do veto, alertando que a manutenção do dispositivo iria contribuir para o aumento do já explosivo desemprego no país.

Ao mesmo tempo, o ministro da Economia, Paulo Guedes, chegou a ameaçar o setor produtivo com mais imposto e afirmou que “sem novo imposto, sem desoneração”.

Com a decisão no Senado, o Congresso Nacional, que reúne as duas Casas, derrubou o veto.

EMPRESÁRIOS COMEMORAM

“A reoneração a partir de 2021 jogaria um balde de água fria na recuperação gradual que temos experimentado nos últimos meses de um ano para se esquecer”, destaca Haroldo Ferreira, presidente executivo da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados

(Abicalçados). “Invés de continuarmos contratando, teríamos que desligar mais funcionários”, disse em nota, ressaltando que a reoneração causaria a demissão de mais de 15 mil trabalhadores ao longo de 2021.

Este ano, o setor perdeu 27 mil postos de trabalho entre janeiro e setembro e está 14% abaixo do nível do ano passado. A produção de calçados no país, até setembro, caiu 30%. “Com a demanda interna e externa por calçados retornando aos poucos, devemos fechar o ano com uma queda menor, na casa de 25%”, diz Ferreira. Com 5,6 mil empresas, o setor calçadista emprega diretamente mais de 242 mil pessoas.

A desoneração da folha de pagamentos permite que empresas de 17 setores intensivos em mão de obra substituam o pagamento de 20% sobre a folha de salários por 1% a 4,5% da receita bruta, excluindo exportações. No caso do setor calçadista o pagamento aos cofres públicos é de 1,5% da receita. “A medida tem sido fundamental para a manutenção de postos de trabalho, ainda mais em momentos de crise, como o que passamos em 2020”, destaca o dirigente da Abicalçados.

Para o presidente executivo da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), José Velloso, reonerar a folha de pagamento neste momento de saída da crise da pandemia “não seria apropriado”. “O nosso setor, especificamente em função da prorrogação, deve a partir de janeiro começar a fazer contratações, podendo aumentar em 10 mil os empregos diretos”, disse. O setor mantém 350 mil empregos diretos - e cada uma dessas vagas gera outros três empregos indiretos.

“O Congresso votou em consonância com a sociedade”, declarou o presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (Cbic), José Carlos Martins.

Com a aceleração dos preços dos alimentos, a inflação oficial do país medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou aumento de 0,86% em outubro - o maior resultado para o mês dos últimos 18 anos. Em setembro, o reajuste de preços havia sido de 0,64%.

Divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na sexta-feira (6), o IPCA também registrou aumento do índice de difusão, que mede a proporção de itens com alta de preços diante do total. Esse índice foi de 68% em outubro (ante 63% em setembro), o maior do ano.

Com o desemprego atingindo 14 milhões de pessoas e o auxílio emergencial - que atende mais de 65 milhões de pessoas - cortado à metade pelo governo, foi a inflação dos alimentos (+1,93%) que teve maior impacto na composição do índice (0,39 ponto percentual). Isso mostra que a disparada dos preços, ainda durante a pandemia, não está relacionada ao aumento da demanda - mas com a falta de uma política econômica de regulação para contenção dos preços.

Os preços do arroz (+13,36%) e o óleo de soja (+17,44%), produtos essenciais da cesta básica, seguiram como destaques na inflação de outubro. Com essas contribuições, o item de alimentação

PRISCILA CASALE



Preço da cesta básica dispara em outubro e se aproxima de R\$ 600

Os preços das cestas básicas em 15 de 17 capitais apurados pela Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), indicaram que, em outubro, o conjunto de alimentos básicos, necessários para as refeições de uma pessoa adulta durante um mês, aumentou comprometendo, em média, mais da metade de um salário mínimo.

Em São Paulo, a cesta básica custou R\$ 595,87, uma alta de 5,77% na comparação com setembro. No ano, o preço do conjunto de alimentos subiu 17,64% e, em 12 meses, 25,82%.

“Quando se compara o custo da cesta com o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social (alterado para 7,5% a partir de março de 2020, com a Reforma da Previdência), verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu, em outubro, na média, 53,09% do salário mínimo líquido para comprar os alimentos básicos para uma pessoa adulta. Em setembro, o percentual foi de 51,22%”, diz o Dieese.

O óleo de soja e o arroz, que durante a pandemia viram os preços dispararem, sem qualquer providência por parte do governo Bolsonaro, continuaram subindo e aumentando em todas as capitais.

No caso do óleo de soja, o óleo de cozinha, o destaque ficou para Brasília (47,82%), João Pessoa (21,45%), Campo Grande (20,75%) e Porto Alegre (20,22%).

A exportação desviada prejudicou o mercado doméstico levando o maior produtor mundial de soja, o Brasil, a importar soja, e dos Estados Unidos, para dar uma ajudinha a Trump em sua fracassada campanha à reeleição. E nada garante redução no preço do óleo de cozinha na mesa do brasileiro.

O arroz agulhinha também registrou alta em todas as capitais, com variações entre 0,39%, em Aracaju, e 37,05%, em Brasília. A redução na área plantada do produto básico na alimentação do brasileiro em troca de produtos que mais dão lucro no mercado externo e a falta de estoques reguladores provocaram a alta no alimento que nem as importações, recentemente autorizadas por Bolsonaro, vão aliviar. O câmbio desvalorizado vai continuar mantendo os preços nas alturas.

E o governo prefere culpar o pequeno aumento da demanda provocado pelo auxílio emergencial no período da pandemia pela explosão dos preços dos alimentos. Querem controlar os preços com a fome do povo.

Assim como no final do ano passado, o preço da carne também disparou. “A demanda externa elevada resultaram em aumentos de preço”, avalia o Dieese. E o povo terá, assim como no ano passado, mais um Natal sem carne.

E Paulo Guedes ainda defendeu um “vale” de R\$ 200 de auxílio emergencial para milhões de brasileiros que ficaram sem renda na pandemia. “Uma cesta básica”, disse o ministro da Economia de Bolsonaro em março, quando a cesta básica já se aproximava de R\$ 500 em várias capitais.



Desde julho, empresários e sindicalistas aguardavam votação do veto

“Desoneração da folha significa manutenção do emprego de diversos setores”, afirma Orlando

O deputado federal e candidato a prefeito de São Paulo, Orlando Silva (PCdoB), disse que “o Congresso acertou ao derrubar” o veto de Jair Bolsonaro à desoneração da folha salarial de diversos setores econômicos.

“A implementação dessa lei significa uma medida prática para manter empregos nos setores econômicos que mais geram empregos”, afirmou Orlando, que foi relator da matéria na Câmara.

Na quarta-feira (4), o Senado aprovou, por 64 votos contra 2, a derrubada do veto de Jair Bolsonaro que impedia a prorrogação da desoneração da folha de 17 setores até 2021. Na Câmara, a votação ficou 430 a 33 votos e 1 abstenção pela derrubada do veto.

Para Orlando, “finalmente, a novela teve final feliz. Se arrastou por meses, mas teve final feliz. O governo errou, o presidente da República errou ao vetar o texto aprovado por consenso, e o Congresso acertou ao derrubar esse veto”.



“Congresso acertou ao derrubar o veto”

A desoneração da folha foi uma medida pensada pelo Congresso Nacional para impedir que mais empregos fossem perdidos por conta da crise econômica e da pandemia.

O deputado disse ainda que apoia a diminuição dos impostos sobre a folha de pagamentos per-

manentemente. “Espero que durante o debate da reforma tributária nós possamos corrigir essa distorção, que é a tributação de quem contrata”.

“Temos que diminuir o peso de impostos sobre produção e emprego e aumentar o peso de impostos sobre renda”, afirmou.

Câmara aprova projeto do governo que retira R\$ 1,4 bi da Educação

A Câmara dos Deputados aprovou na quarta-feira (4) o projeto de lei de autoria do governo Bolsonaro que retirou R\$ 1,4 bilhão da pasta da Educação, afetando assim o orçamento da educação básica, universidades e institutos federais. Foram cancelados R\$ 1,56 bilhão e aprovado uma suplementação de apenas R\$ 160 milhões para a pasta.

O valor retirado da Educação complementar os R\$ 6,1 bilhões de créditos adicionais ao Orçamento que foram aprovados através do PLN 30/20 que prevê o gerenciamento de verbas do Orçamento.

A maior parte do crédito suplementar no valor de R\$ 6.118.751.868,00 ficou concentrada nos ministérios de Rogério Marinho (Desenvolvimento Regional) e Tarcísio de Freitas (Infraestrutura). De acordo com PLN 30/20, o Ministério do Desenvolvimento Regional receberá 47,2% do crédito, que será usado em construção de obras, novas construções e o desenvolvimento de projetos da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) e Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs).

O Ministério da Infraestrutura receberá 22,7% dos recursos que distribuirá este montante para a Valec Engenharia, Construções e Ferrovias e o Dnocs. O Ministério da Saúde ficou com 16,3% do crédito, que irá para o Fundo Nacional de Saúde. O restante da soma será repartido entre os ministérios da Agricultura, Economia, Educação, Minas e Energia e Cidadania.

Depois de toda a mobilização do Congresso Nacional em ampliar os recursos do Fundeb (Fundo de Manuten-

ção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), derrotando a tentativa do governo Bolsonaro de desviar recursos do Fundo de desviar recursos do Fundo de Educação desviando recursos para outros fins.

Fazer obras e gerar empregos é o desejo de todos os brasileiros, manter intactas as despesas com juros da dívida e reduzir verbas para a educação pública, básica, universitária, institutos de pesquisas, é criminoso.

Assim como tentou meter a mão no Fundeb para uma tal Renda Cidadã, agora Bolsonaro desvia recursos da Educação, com apoio de parlamentares, e assim dizer que fez alguma coisa nesses anos de estagnação econômica e investimentos públicos zero na economia.

Em plena pandemia, é mais urgente e necessário fortalecer o ensino público e gratuito, os profissionais de ensino, fomentar a pesquisa e proteger as milhares de crianças, jovens e adultos nos estabelecimentos de ensino.

Para a deputada Alice Portugal (PCdoB) o corte verbas prejudicará ainda mais a educação superior. “É importante dizer que nesse período da pandemia ficou registrado que 99,5% das pesquisas do Brasil são oriundas das universidades e dos institutos federais, e as restantes, na sua maioria, são do setor público, como a FIOCRUZ. É importante também dizer que esse corte impactará as despesas não discriminárias, nem por isso desnecessárias, como pagamento de água, luz, telefone, pessoal terceirizado, empresas de higienização”.

“É necessário entender que, para que as universi-

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br

HORA DO POVO é uma publicação do Instituto Nacional de Comunicação 24 de agosto Rua José Getúlio, 67, Cj. 21 Liberdade - CEP: 01509-001 São Paulo-SP E-mail: inc24agosto@uol.com.br C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000
Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBSCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa, 140 Curú-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB)

STF notifica Bolsonaro por mentira contra o governador do Maranhão, Flávio Dino

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Marco Aurélio Mello, notificou Jair Bolsonaro para que apresente provas sobre a fala de que o governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB), teria lhe negado a proteção da Polícia Militar do estado.

A notificação aconteceu a pedido de Flávio Dino. Bolsonaro tem 15 dias de prazo para responder.

Para Flávio Dino, Bolsonaro cometeu calúnia ao afirmar que deixou de participar de um evento evangélico em Balsas, no interior do Maranhão, porque não teria a proteção da Polícia Militar.

O ministro Marco Aurélio Mello pediu que Jair Bolsonaro “preste esclarecimentos sobre as declarações e comprove o não acolhimento do pedido de disponibilização da Polícia Militar do estado do Maranhão para viabilizar o comparecimento ao evento”.

Segundo o Governo do Maranhão, “não havia evento marcado, não havia pessoas esperando, não houve pedido de apoio do GSI [Gabinete de Segurança Institucional] para o Governo do Maranhão, muito menos negativa por parte do governador Flávio Dino de auxiliar com as forças policiais estaduais a segurança presidencial”.

A Secretaria de Segurança Pública do Maranhão informou que “é mentirosa qualquer versão de que foi negada segurança ao Presidente da República pela pasta da Segurança Pública, em suposta visita à cidade de Balsas”.

A Aliança de Pastores Evangélicos de Balsas (APEB) disse que não tinha nenhum evento marcado com Jair Bolsonaro. “Em nenhum momento foi procurada ou informada sobre a realização do evento”, explicou a entidade em nota. A APEB disse que ficou sabendo da suposta visita somente através de um vídeo que circulou nas redes sociais.

Flávio Dino afirmou que considera “ser muito grave o presidente da República mentir para acirrar ódios na Nação. Como vítima de uma agressão, tenho o dever de defender a mim e à minha equipe”.

“Tenho honra a zelar”, concluiu.

Com informações do Blog do Renato

Rejeição a Bolsonaro cresce em 16 capitais, aponta Ibope



Bolsonaro é rejeitado e arrasta com ele seus candidatos a prefeitos Flávio “integrou patrimônio sorrateiramente” afanando verba pública da Alerj, afirma o MP

O Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro afirmou, na denúncia contra o senador Flávio Bolsonaro, que o parlamentar tem “predileção pelo uso de dinheiro em espécie” e integrou ao seu patrimônio valores ilícitos de forma “sorrateira”, vindos de desvio de recursos públicos da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj).

O procurador Ricardo Martins, que assina a denúncia encaminhada à Justiça, afirma que o denunciado “fazia pouquíssimo uso de serviços bancários como cartões de crédito e débito”. Num período de 36 meses, entre 2007 e 2009, o filho do presidente Jair Bolsonaro gastou pouco mais de R\$ 7 mil com faturas de cartão de crédito, em uma média mensal de apenas R\$ 195.

SALAS PAGAS EM CHEQUES DE TERCEIROS E DINHEIRO VIVO Flávio comprou ainda 12 salas comerciais em condomínio na Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio, e desembolsou R\$ 262 mil no mesmo período. Segundo o MP,

“os extratos bancários do ex-Deputado não registraram nenhum débito que fosse compatível com as datas e valores dos recebimentos informados pelas imobiliárias”.

O procurador conclui “que 65% das despesas para a aquisição das salas comerciais no ano de 2008 foram quitadas com cheques de terceiros e depósitos em espécie, ao passo que o percentual restante foi pago mediante boletos bancários que não foram debitados na conta do parlamentar”.

Os investigadores informam que o MP teve dificuldade em apurar tais transações. Por isso, pede agora à Justiça que,

“diante das reiteradas omissões da imobiliária em atender integralmente às requisições do Ministério Público ao longo da investigação”, haja uma ordem judicial para que a empresa informe, em 10 dias, a identificação de cheques de terceiros usados para pagar as salas comerciais.

O MP se debruçou na denúncia sobre a quitação de outras operações imobiliárias de Flávio Bolsonaro, como em uma cobertura em Laranjeiras, zona sul do Rio de Janeiro, e um apartamento na Barra da Tijuca, onde o parlamentar mora atualmente, quando não está em Brasília.

Foi encontrado, segundo os investigadores, um padrão de pagamento, que inclui depósitos em dinheiro feitos de forma fracionada, em valores que não obrigam o banco a registrar o depositante.

Os menos em duas oportunidades foram identificados depósitos em dinheiro de Fabrício Queiroz, operador financeiro do esquema, e de Miguel Grillo, atual chefe de gabinete do parlamentar no Senado – mesmo cargo que ocupava na Alerj.

LAVAGEM A denúncia do Ministério Público contra Flávio Bolsonaro afirma ainda que o miliciano Adriano da Nóbrega, morto em confronto com a polícia da Bahia este ano, também era parte do esquema da lavagem de dinheiro do gabinete.

Segundo a investigação, em 2007, o então deputado estadual Flávio Bolsonaro nomeou Danielle Mendonça da Costa, mulher do ex-policial militar Adriano, assessora parlamentar. Naquele mesmo ano, Flávio contratou – também como assessor parlamentar –

Fabrício Queiroz, que está em prisão domiciliar e é apontado como o operador do esquema.

Em 2015, a mãe de Adriano, Raimunda Veras Magalhães, também virou assessora parlamentar de Flávio Bolsonaro. O Ministério Público afirma que Danielle e Raimunda recebiam salário, mas eram fantasmas – não apareciam no gabinete. Diz também que a mãe de Adriano era, na verdade, dona de pizzarias que ela mesma administrava.

As pizzarias eram modestas e, mesmo assim, segundo os investigadores, foram usadas para movimentar parte do dinheiro desviado da Alerj. Os valores, diz a investigação, saíram dos restaurantes e entraram diretamente nas contas de Queiroz, em depósitos ou transferências bancárias. Além disso, os investigadores descobriram que o ex-policial [Adriano da Nóbrega], por meio da mãe e da mulher, transferiu outros R\$ 400 mil para Queiroz, acusado de ser o operador de Flávio.

Na quarta-feira (4), reportagem do Jornal ‘O Globo’ revelou o depoimento que a ex-assessora Luiza Souza Paes deu ao Ministério Público em setembro. Ela disse que nunca atuou como funcionária de Flávio Bolsonaro e contou que era obrigada a devolver mais de 90% do salário.

Luiza apresentou extratos bancários para comprovar que entre 2011 e 2017 entregou por meio de depósitos e transferências R\$ 160 mil para Fabrício Queiroz. Ela informou que, no dia em que iria depor no MP/RJ, participou de uma reunião com Frederick Wassef, que a coagiu a não comparecer ao MP e a destruir provas.

Em São Paulo, reprovam Bolsonaro 48% e os que o acham bom caiu de 27 para 24%. Em São Luís, o repúdio aumentou depois da viagem em que ele desrespeitou o Guaraná Jesus e os maranhenses

A rejeição ao governo Bolsonaro aumentou em 16 capitais brasileiras, das 26 avaliadas, depois de iniciada a campanha eleitoral para prefeitura, segundo pesquisa do Ibope, divulgada no último fim de semana.

O aumento do desgaste de Bolsonaro se dá na comparação com a primeira pesquisa realizada pelo instituto entre a primeira e a segunda quinzena de outubro. Em sete destas capitais o aumento dos que avaliam como ruim ou péssimo o governo Bolsonaro superou a margem de erro da pesquisa.

Em São Paulo, onde o candidato Celso Russomanno (Republicanos) começou a desabar nas pesquisas de intenção de voto assim que anunciou o apoio de Bolsonaro à sua campanha, a rejeição à administração federal também cresceu.

Em outubro 27% achavam o governo Bolsonaro bom ou ótimo, 48% achavam o governo ruim ou péssimo e 24% achavam seu governo regular. Agora, a percentagem dos que acham o governo bom ou ótimo caiu três pontos percentuais, para 24%. Os mesmos 48% dos entrevistados antes continuam achando o governo Bolsonaro ruim ou péssimo.

A desaprovção de Bolsonaro vem crescendo no país inteiro, tanto por seu descalço com a pandemia e as consequências desta posição negacionista e anticientífica para a vida das pessoas – já são mais de 162 mil mortos pela Covid-19 – quanto pelo desastre econômico em que o país foi mergulhado fruto exatamente da maneira com que o governo federal enfrenta [ou não enfrenta] os problemas.

Nem mesmo a vacina, que é a esperança de todos os povos contra o coronavírus, tem o apoio de Bolsonaro. Ele já disse que não vai comprar a vacina do Instituto Butantan, que mostrou ser mais segura e a que está mais avançada nos testes clínicos no Brasil.

Na capital da Bahia, onde o governo Bolsonaro era avaliado como ruim ou péssimo por 62% dos entrevistados, agora tem seu governo reprovado por 65% da população. A rejeição cresceu três pontos percentuais. Os que achavam o governo Bolsonaro bom ou ótimo na capital dos baianos eram apenas 18% dos eleitores em meados de outubro, agora são 11% os que o aprovam. Houve uma queda de sete pontos percentuais entre os seguidores de Bolsonaro na terra de Castro Alves.

Em São Luís, onde a reprovção de Bolsonaro já era grande – 46% dos moradores da ilha consideravam seu governo ruim ou péssimo –, a viagem do presidente à região, com desprezo e ataques ao povo

maranhense e a ironia a um produto natural muito querido na região, o Guaraná Jesus, fez crescer ainda mais o repúdio à sua administração.

A percentagem de moradores de São Luís que consideravam o governo Bolsonaro ruim ou péssimo subiu de 46% para 54%, um crescimento de oito pontos percentuais. Entre os que achavam o governo bom ou ótimo a queda foi de quatro pontos percentuais, de 25% para 21%.

Em Boa Vista, capital de Roraima, onde um senador bolsonarista, líder do governo no Senado, Chico Rodrigues, foi flagrado com R\$ 33 mil roubados da verba da pandemia e enfiados nas nádegas, durante uma operação da Polícia Federal, a situação do presidente também azedou bastante. A queda na aprovação de seu governo foi de seis pontos percentuais.

Na capital do Acre, Rio Branco, onde um deputado federal bolsonarista, Manuel Marcos (Republicanos), acaba de ser casado por corrupção, o número do que acham o governo Bolsonaro ruim ou péssimo cresceu nove pontos percentuais, enquanto a queda dos que achavam o governo bom ou ótimo caiu sete pontos percentuais.

Em Florianópolis, onde o governador eleito na onda bolsonarista em 2018, Carlos Moisés (PSL), foi afastado do cargo por corrupção, a queda da aprovação de Bolsonaro também foi forte. Caiu cinco pontos percentuais, de 28% para 23% os que acham o governo bom ou ótimo e cresceu o número dos que acham o governo Bolsonaro ruim ou péssimo. Foi de 53% para 59% os que consideram ruim ou péssima a administração Bolsonaro.

Em Belo Horizonte, onde o candidato de Bolsonaro não tem a menor chance de ir para o segundo turno, a aprovação do presidente caiu ainda mais. Em outubro 35% dos moradores da capital mineira consideravam o governo Bolsonaro bom ou ótimo. Agora esse número caiu para 31%. Uma queda de quatro pontos percentuais.

O mesmo está acontecendo em Vitória e Cuiabá. Na primeira o número dos que reprovam Bolsonaro subiu sete pontos percentuais. Foi de 51% para 58% a reprovação. Em outubro eram 28% dos capixabas que consideravam o governo como bom ou ótimo. Agora esse número caiu quatro pontos percentuais. Foi de 28% para 24%.

Somente em Palmas houve crescimento acima da margem de erro dos que acham o governo Bolsonaro bom ou ótimo. Cresceu seis pontos percentuais e não se alteraram os que acham seu governo ruim ou péssimo.

Governo quer eliminar ONGs e facilitar o desmatamento

O governo Bolsonaro quer implantar um chamado “marco regulatório” com regras para controlar as Organizações Não-Governamentais (ONGs) na região da Amazônia e permitir a atuação somente daquelas que atenderem aos “interesses nacionais”.

Por “interesses nacionais”, leia-se interesses do governo que desmata a Amazônia. A perseguição a qualquer ONG ou órgão do governo que aponte a destruição da mata tem sido grande. Basta ver as demissões e o ataque que o Inpe vem sofrendo há mais de um ano, desde que detectou um forte aumento nas queimadas.

A proposta é do Conselho da Amazônia, mas o vice-presidente da República, Hamilton Mourão, que preside o órgão, diz que não sabe de nada e não viu os documentos de tais projetos.

“Eu também não sei por que, eu não assinei esse documento, não vi. Preciso esclarecer. Não passou por mim isso aí”, afirmou Mourão.

Os documentos que se referem a isso foram acessados e divulgados na segunda-feira (9) pelo jornal “O Estado de S. Paulo” e confirmados pela TV Globo.

Um dos trechos dos documentos diz: “Obter o controle de 100% das ONGs que atuam na região amazônica, até 2022, a fim de autorizar somente aquelas que atendam aos interesses nacionais”.

Para o governo, as ONGs que denunciam desmatamento e grilagem de terras são inimigas. Bolsonaro ataca constantemente as ONGs que atuam na Amazônia para não ter que combater o desmatamento denunciado

por elas. Em setembro de 2020, em uma cúpula sobre biodiversidade da Organização das Nações Unidas (ONU), o presidente disse, sem apresentar provas, que organizações, em parceria com “algumas ONGs”, comandam “crimes ambientais” no Brasil e também no exterior.

A elaboração da minuta ficará a cargo dos ministérios da Justiça, do Meio Ambiente e do Gabinete de Segurança Institucional (GSI).

Segundo o Greenpeace, a ideia do governo de controlar a ação das organizações da sociedade civil é “bastante grave” e demonstra falta de compromisso com “preceitos básicos de democracia e participação social”.

“Lamentavelmente, mais uma vez, estamos diante de indícios de que o governo Bolsonaro não compactua com preceitos básicos de democracia e participação social. Constar em um planejamento estratégico do Conselho Nacional da Amazônia Legal a proposta de se criar um ‘marco regulatório das ONGs’, para ‘obter o controle de 100% das ONGs’ que atuam na região e, a partir de 2022, só autorizar aquelas que atendam a ‘interesses nacionais’, é bastante grave”, afirmou Luiza Lima, porta-voz de Políticas Públicas do Greenpeace.

“Governar um país democrático é defender a participação da sociedade civil organizada nas decisões que impactam a população. Um governo que preza pela democracia acolhe a voz que vem das ruas, encoraja uma participação popular vibrante e defende a pluralidade e diversidade de ideias”, completou Lima.

Ibope: Bruno vai a 32% e Russomanno desaba para 12% das intenções de voto

Pesquisa Ibope sobre a eleição para a prefeitura de São Paulo, divulgada na segunda-feira (09), mostra o candidato Bruno Covas (PSDB) crescendo seis pontos percentuais e assumindo a liderança isolada com 32% das intenções de voto e Celso Russomanno (Republicanos), candidato de Bolsonaro, desabando de 20% na pesquisa anterior para 12%.

Com essa queda, Russomanno fica atrás de

Guilherme Boulos (Psol), que se manteve com 13% em relação à pesquisa anterior. Já Márcio França (PSB) está com 10% das intenções de voto aparecendo em empate técnico com Boulos e Russomanno. Nas simulações de segundo turno, o tucano Bruno Covas vence todos os demais candidatos.

Jilmar Tatto tem 6% e Arthur do Val – Mãe Falei, 5%. Joice Hasselmann (PSL) tem 2% e Orlando Silva

(PCdoB), Andrea Martarello (PSD) e Levy Fidelix (PRTB) têm 1% das intenções de voto. Antônio Carlos (PCO), Marina Helou (Rede) e Vera Lúcia (PSTU) tiveram menos de 1%.

Foram ouvidos 1.204 eleitores da cidade de São Paulo entre os dias 7 e 9 de novembro de 2020. A pesquisa tem uma margem de erro de 3 pontos percentuais para mais ou para menos e um nível de confiança de 95%.

João Campos amplia e atinge 33%; Mendonça Filho e Marília Arraes disputam segundo lugar

O candidato do PSB a prefeito do Recife, João Campos, ampliou mais dois pontos e está hoje com 33% das intenções de voto, aponta pesquisa Ibope divulgada nesta segunda-feira (9). Campos vence qualquer cenário de segundo turno.

Depois de João Campos está Marília Arraes (PT), que oscilou três pontos para cima, de 18% para 21% das intenções de voto. O terceiro lugar agora

está com Mendonça Filho (DEM), que subiu cinco pontos percentuais, saindo de 13% para 18%. Ele ultrapassou a Delegada Patrícia (Podemos).

Em relação ao levantamento anterior do Ibope, divulgado no dia 29 de outubro:

João Campos foi de 31% para 33%
Marília Arraes foi de 18% para 21%
Mendonça Filho foi de 13% para 17%

Delegada Patrícia foi de 16% para 12%
Coronel Feitosa se manteve com 1%
Marco Aurélio Meu Amigo se manteve com 1%

Carlos se manteve com 1%
Charbel saiu de menos de 1% para 1%
Claudia Ribeiro saiu de 1% para menos de 1%

Thiago Santos se manteve com menos de 1%
Victor Assis não foi citado anteriormente e passou a ter menos de 1%.

Orlando defende escolas em tempo integral e reindustrialização de SP

O deputado federal e candidato a prefeito de São Paulo, Orlando Silva (PCdoB), defendeu, durante debate feito pela TV Democracia, a reindustrialização da capital e a escola pública em tempo integral como essenciais para a “formação plena das nossas crianças”.

“O Brasil deve ao seu povo a escola em tempo integral. Não tenho a menor dúvida de que isso é uma necessidade da cidade e que temos que fazê-lo a partir de quem mais precisa”.

“Se não tem dinheiro para fazer escola de tempo integral na cidade inteira, que façamos em Heliópolis, Paraisópolis, Grajaú, Itaim Paulista. Que comecemos por quem mais precisa”.

“Eu defendo a escola em tempo integral porque eu considero que é uma forma de nós produzirmos a formação plena das nossas crianças e dos nossos jovens”, disse.

“Nós temos que ter os nossos filhos e filhas aos 8 anos sabendo ler, interpretar um texto e fazer as quatro operações”.

No domingo (8), a TV Democracia realizou um debate virtual entre os candidatos a prefeito de São Paulo. Todos foram convidados, mas Celso Russomanno (Republicano) e Bruno Covas

(PSDB) não participaram.

A TV Democracia é um canal do Youtube liderado pelo jornalista Fábio Pannunzio, com quase 4 milhões de visualizações.

O candidato também defendeu a reindustrialização de São Paulo a partir da alta tecnologia. “São Paulo é vocacionada para o desenvolvimento, para a indústria. A tecnologia nos permitirá voltar a ser o polo dinâmico da economia nacional”, afirmou o candidato.

Durante o debate, Orlando citou outras propostas de seu plano de governo para o enfrentamento à crise econômica. “Temos que retomar obras públicas. Investimento em infraestrutura urbana, reforma de equipamentos sociais para saúde e educação também é uma forma de gerar muito emprego na cidade de São Paulo”, disse.

O deputado federal afirmou que criará um “Fundo Municipal para microcrédito. Quem gera emprego no Brasil e em São Paulo são as micro e pequenas empresas. Com pouco recurso você já pode estimular demais a atividade econômica na periferia. Ter um fundo municipal para microcrédito com juros subsidiados eu creio que seja importantíssimo”.

Apagão no Amapá é consequência do descaso da privatizada Isolux

Engenheiros da Eletrobrás apontam que a negligência da multinacional deixou mais de 750 mil pessoas sem energia, água potável e serviços de comunicação

O apagão que deixou mais de 750 mil pessoas sem energia elétrica no Amapá desde o dia 3 de novembro ainda não tem previsão de ser solucionado. A falta de energia causou uma grande crise no fornecimento de água potável e nos serviços de comunicação no estado.

Desde sábado, os amapaenses enfrentam um rigoroso rodízio no fornecimento de energia. A multinacional espanhola Isolux, responsável pelos transformadores, não mantinha qualquer plano de emergência e foi necessária a intervenção dos trabalhadores da estatal Eletrobrás para a reativação de um dos geradores danificados.

Catorze dos 16 municípios do estado ficaram sem luz. Este é mais um exemplo de que a gestão privada em setores essenciais e de interesse público vital não funciona.

Um incêndio causado por um raio desencadeou o apagão no Amapá. Esse fenômeno natural aconteceu numa subestação entregue ao setor privado e atingiu um transformador. Os dois equipamentos de reserva, que deveriam garantir o fornecimento, estavam quebrados e um deles também foi atingido pelo incêndio.

SOCORRO

De acordo com o diretor do Sindicato dos Urbanitários do Maranhão (STIU/MA), Wellington Diniz, a empresa espanhola não tem capacidade técnica, nem trabalhadores em números suficientes para manutenção, nem recompor a energia em pouco espaço de tempo, por isso os técnicos da Eletrobrás foram chamados para prestar socorro.

O engenheiro Ikaro Chaves, funcionário da Eletrobrás — uma das subsidiárias da Eletrobrás, explicou onde estão as falhas da multinacional que levou ao apagão. “É muito provável que tenha havido negligência por parte da empresa. Esses equipamentos não deveriam ter falhado. E se eles tivessem falhado, deveriam ter redundância. E mesmo se a redundância tivesse falhado também, seria necessário ter equipamento sobressalente para que elas voltassem rapidamente ao funcionamento, o que não aconteceu”, enfatizou o engenheiro.

De acordo com o Coletivo Nacional dos Eletricistas, o Amapá é alvo de intensas descargas atmosféricas, apontadas como a provável causa do incêndio no transformador, mas observa que o segundo transformador estava em manutenção e o terceiro apresentou vazamento.

“Não podemos fazer acusações levianas, precisamos de apuração,

mas podemos tirar lições desse problema do Amapá. Aparentemente, há problemas. Primeiro, por que o sistema de proteção contra descargas atmosféricas (raios) não foi capaz de proteger o transformador? É preciso ter o famoso para-raio. O que estava instalado lá não funcionou. É possível ter havido erro de projeto ou de manutenção. Segundo, por que houve danos em dois transformadores? Deve ser erro de projeto também”, analisa o engenheiro da Eletrobrás.

Para resolver o problema, a Eletrobrás, que não tem nenhuma responsabilidade pelo fato, emprestou outro transformador de propriedade dela para garantir o fornecimento de energia para o Amapá. O equipamento, no entanto, terá de ser removido do Estado de Roraima numa operação que irá demorar algum tempo, pois o transformador pesa cerca de 100 toneladas e precisará ser levado de barco, o que dificulta ainda mais a logística operacional.

A empresa responsável pela transmissão de energia em 13 municípios do Amapá é a espanhola Isolux, que carrega um histórico de serviços mal prestados em vários países.

Antes da gestão ser entregue para iniciativa privada, a empresa tinha, no estado do Amapá, 220 trabalhadores, mas agora ela tem apenas 110, segundo o presidente do Sindicato dos Urbanitários do Amapá (STIU-AP), Jedilson Santa Bárbara de Oliveira.

Em 2014, a Isolux já deu um prejuízo de US\$ 476 milhões ao estado de Indiana, nos Estados Unidos, onde também prestava esse tipo de serviços.

JUSTIÇA

Por decisão do juiz federal João Bosco Soares da Silva, numa ação popular movida pelo senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), a Isolux tem até esta terça-feira para solucionar por completo o problema da falta de energia elétrica no estado, sob pena de multa de R\$ 15 milhões.

Segundo a decisão judicial, chama atenção o fato de a reparação dos danos estar sendo custeado pela Eletrobrás, sem que haja qualquer ônus para a Isolux. “Assim o Estado brasileiro conduz a todos como gado, à mercê da indevida apropriação do aparelho estatal por grupos econômicos e políticos umbilicalmente unidos, seqüiosos de imoral enriquecimento ilícito, sem nenhuma responsabilidade com o futuro do país, que segue a esmo, sem planejamento estratégico algum, refém do atraso, do subdesenvolvimento e da má gestão de negócios do erário”, ressalta o magistrado.

Eduardo Paes sobe mais 3 pontos no Rio de Janeiro, aponta Datafolha

O ex-prefeito Eduardo Paes (DEM) avançou mais três pontos percentuais e agora está com 31% na corrida eleitoral pela prefeitura do Rio de Janeiro, na pesquisa Datafolha divulgada na quinta-feira (5).

O atual prefeito Marcelo Crivella (Republicanos) vem em seguida com 15% e a deputada estadual Martha Rocha (PDT) se manteve com 13%. Benedita da Silva (PT) oscilou 2 pontos percentuais para baixo e passou de 10% para 8%.

Em comparação com a pesquisa anterior do Datafolha (22 de outubro) a situação é a seguinte:

Eduardo Paes foi de 28% para 31%
Crivella foi de 13% para 15%
Martha Rocha se manteve com 13%

Benedita da Silva foi de 10% para 8%

Luiz Lima foi de 4% para 5%

Renata Souza foi de 5% para 3%

Bandeira de Mello se manteve com 3%

Paulo Messina foi de 0% para 1%

Clarissa Garotinho se manteve com 1%

Cyrcy Garcia se manteve com 1%

Fred Luz se manteve com 1%

Glória Heloiza foi de 1% para 0%

Suêd Haidar se manteve com 0%

Henrique Simonard não foi citado nas duas últimas pesquisas

Os indecisos foram de 3% para 2%, e os brancos ou nulos foram de 17% para 16%

Numa simulação de provável segundo, Eduardo Paes venceria Crivella, Martha Rocha e Benedita da Silva.

Veja:
Eduardo Paes 53% x 25% Crivella (branco/nulo: 21%; não sabe: 1%)

Eduardo Paes 44% x 38% Martha Rocha (branco/nulo: 16%; não sabe: 2%)

Eduardo Paes 48% x 27%

Benedita da Silva (branco/nulo: 24%; não sabe: 1%)

Crivella continua o candidato mais rejeitado pelos eleitores com 57%, em seguida Eduardo Paes (33%), Benedita da Silva (30%), Clarissa Garotinho (29%), Cyrcy Garcia (13%), Delegada Martha Rocha (11%), Luiz Lima (11%), Paulo Messina (8%), Fred Luz (7%), Renata Souza (6%), Glória Heloiza (6%), Suêd Haidar (6%), Bandeira de Mello (6%), Henrique Simonard (5%). Rejeita todos/não votaria em nenhum: 4%. Não sabe/não respondeu: 2%. Poderia votar em todos: 1%.

ESPONTÂNEA

A pesquisa espontânea, quando o entrevistado escolhe o candidato sem ver a lista de nomes, deu o seguinte:

Eduardo Paes: 22%

Crivella: 11%

Martha Rocha: 8%

Benedita da Silva: 5%

Luiz Lima: 3%

Renata Souza: 2%

Bandeira de Mello: 1%

Fred Luz: 1%

Outros: 3%

Branco/nulo/nenhum: 16%

Não sabe/não respondeu: 29%

Não vota/não vai votar/vai justificar: 0%

A pesquisa foi encomendada pela TV Globo e pelo jornal “Folha de S.Paulo”. A margem de erro é 3 pontos percentuais para mais ou para menos. Foram ouvidos

1.064 eleitores da cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa foi feita nos dias 3 e 4 de novembro. Número de identificação na Justiça Eleitoral: RJ-02176/2020

O nível de confiança utilizado é de 95%. Isso quer dizer que há uma probabilidade de 95% de os resultados retratarem o atual momento eleitoral, considerando a margem de erro.



90% da população do Amapá foi lesada pelo apagão causado pela Isolux. Na foto, protesto de moradores de Macapá no sétimo dia às escuras



Para Manuela, autorização do evento é “vitória da liberdade de expressão”

TSE impede censura e libera evento de Caetano em apoio a Manuela D’Ávila

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) decidiu liberar o show online do cantor Caetano Veloso para arrecadar fundos para a campanha de Manuela D’Ávila (PCdoB) à Prefeitura de Porto Alegre (RS). A live está marcada para 12 de novembro, com ingressos a R\$ 30, que podem ser adquiridos no site criado para o evento.

A realização do show online foi parar na justiça a partir de uma ação da campanha do candidato Gustavo Paim (PP), atual vice-prefeito de Porto Alegre, que pediu a suspensão do evento, alegando erroneamente que se trataria de um showmício.

A matéria passou pelo Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul (TRE-RS), que com 4 votos a 3, entendeu que o show online de Caetano configuraria ‘showmício’, o que é proibido pela legislação eleitoral.

Manuela D’Ávila recorreu da decisão ao Tribunal Superior e durante o julgamento a maioria dos ministros defendeu que o evento não poderia ser considerado um “showmício” ou “livemício”. O evento foi liberado quase

por unanimidade, 6 a favor da realização do show e 1 contra.

O relator, ministro Luis Felipe Salomão, apontou que a apresentação de Caetano é amparada no artigo da legislação que permite aos candidatos e legendas comercializarem bens ou serviços, ou, ainda, promoverem eventos de arrecadação de recursos para a campanha.

A posição de Salomão foi acompanhada por Luís Roberto Barroso, Marco Aurélio, Luís Edson Fachin, Tarcísio Vieira de Carvalho e Sergio Banhos. Vale destacar que antes da pandemia, jantares fechados pagos com a presença de famosos e pessoas influentes para arrecadação de recursos para campanhas, e diversos outros tipos de eventos, sempre aconteceram sem qualquer questionamento.

O presidente do TSE, Luís Roberto Barroso acompanhou o relator e afirmou: “O que me parece relevante de destacar é que, na medida em que o Supremo Tribunal Federal fechou uma torneira de financiamento, acho que nós temos que ter uma posição de algum grau de flexibilidade quanto aos meios alternativos de financiamento. E acho que um

artista fazendo um show para arrecadar fundos para apoio a uma candidatura é uma prática legítima, que não é propaganda, que não envolve pessoa jurídica fornecendo produtos, de modo que eu veria como uma interpretação indesejadamente expansiva de uma norma restritiva nós impedirmos a realização deste evento”, defendeu.

A decisão foi celebrada pela candidata. Em seu Twitter, Manuela afirmou que a posição do TSE é uma “vitória da liberdade de expressão”.

O ministro Tarcísio Vieira também defendeu a medida: “Destaco que a Lei das Eleições permite a doação em dinheiro ou estimável em dinheiro para campanhas eleitorais, respeitados os limites do art 23. Neste sentido, nada, rigorosamente nada impede que o artista doe seu cachê. Aliás, quando o faz com prévio anúncio ao público demonstra, a meu ver, inclusive lealdade com o espectador, que munido da informação atinente a destinação da verba oriunda de seu ingresso, pode optar por comparecer ou não, ainda que virtualmente, ao evento”.

Manuela chega a 29,4% e Marchezan aparece em 2º lugar em Porto Alegre, diz Instituto Methodus

A candidata Manuela D’Ávila (PCdoB) ampliou sua vantagem na disputa pela Prefeitura de Porto Alegre, chegando a 29,4% das intenções de voto, de acordo com a nova pesquisa do Instituto Methodus divulgada na noite desta quinta-feira (5) pela RDC TV. Em relação ao último levantamento, divulgado no dia 30, Manuela tinha 26,4%.

De acordo com a pesquisa, a candidata do PCdoB é seguida por um empate triplo entre o atual prefeito, Nelson Marchezan Júnior (PSDB), o ex-vice-prefeito, Sebastião Melo (MDB) e o ex-prefeito, José Fortunati (PTB).

Marchezan com 13,4% das intenções de voto, Melo com 11,9% e Fortunati com 10,5%. Os três empatados dentro da margem de erro do levantamento que é de 3,5%.

O atual prefeito subiu de 10,9% para 13,4% em relação à pesquisa anterior. Melo oscilou levemente para

baixo, de 12,3% para 11,9%, enquanto Fortunati se manteve estável, de 10,4% passou a 10,5%.

Os demais candidatos que pontuaram na pesquisa Methodus foram: Juliana Brizola (PDT), com 3,2%, assim como Fernanda Melchionna (PSOL). João Derly (Republicanos), com 1,6%, e Valter Nagelstein (PSD), 1%.

Manuela também subiu na pesquisa espontânea, aquela em que não é apresentada uma lista de candidatos ao eleitor. Nessa modalidade, a candidata do PCdoB passou de 19,5% para 21,4%. Ela é seguida por Marchezan, 10,7%, Melo, 8,9%, Fortunati, 7,1%, Melchionna, 2,8%, Juliana, 1,3%, Derly, 1%, Nagelstein, 0,6%.

Os candidatos Gustavo Paim (PP), Rodrigo Maroni (PROS), Julio Flores (PSTU), Luiz Delvair (PCO) e Montserrat Martins (PV) não apareceram nos resultados divulgados.

SEGUNDO TURNO

Manuela também lidera todos os cenários da pesquisa

para o segundo turno. Contra o atual prefeito, a ex-deputada venceria com 46,7% contra 24,3% de Marchezan. Brancos e nulos somam 19,3% e 9,6% disseram não saber em quem votariam.

Na disputa contra Melo, a candidata do PCdoB venceria com 44% e o candidato do MDB ficaria com 30,5%. Os brancos e nulos somam 16,1% e 9,4% se disseram indecisos.

Já contra o ex-prefeito Fortunati, Manuela venceria a disputa por 42,8% contra 30,7%. Brancos e nulos somam 16,9% e 9,6% disseram ainda não saber quem escolheriam.

A pesquisa do Instituto Methodus foi realizada entre os dias 29 e 31 de Outubro. Foram entrevistadas 800 pessoas. A margem de erro é de 3,5 pontos percentuais, para mais ou menos, e o nível de confiança é de 95,0%. O levantamento foi registrado sob o número RS 04931/2020.



Área de 10 mil m² será transformada Instituto Butantan inicia a construção de fábrica para produzir a CoronaVac

O Instituto Butantan anunciou nesta segunda-feira, o início das obras de reforma e adaptação da fábrica que será responsável pela produção da vacina contra o coronavírus, CoronaVac. Quando estiver pronta, a estrutura será capaz de produzir até 100 milhões de doses da vacina por ano.

A obra tem conclusão prevista para o final de 2021.

A produção 100% local, portanto, só será possível a partir de 2022 e depende ainda do processo de transferência de tecnologia da Sinovac para o Butantã. Até lá, o instituto receberá doses prontas da China ou matéria-prima para que a produção seja apenas finalizada no Brasil.

“É um dia histórico para São Paulo e para o Brasil. Um passo fundamental que consolida ainda mais o Instituto Butantan, e o Brasil, na liderança mundial em desenvolvimento e inovação tecnológica para a produção de vacinas”, afirmou o governador João Dória durante visita às obras no Instituto Butantan.

A nova fábrica do Butantan terá cerca de 10 mil m² e além de produzir as doses da vacina contra a Covid-19, poderá produzir outros imunizantes fabricados no Instituto Butantan.

“A construção desta nova fábrica é um passo muito importante no enfrentamento da pandemia no Brasil e no mundo e consolida o Instituto Butantan como uma liderança mundial em desenvolvimento e inovação tecnológica na área da saúde”, destacou o presidente do Instituto Butantan, Dimas Covas.

Segundo ele, a fase da produção que será feita no Brasil engloba a formulação do produto, envase e rotulagem. Como o Butantan é produtor de outras vacinas, essas etapas podem ser feitas em outras fábricas do instituto já em funcionamento. “Nós temos duas linhas de produção de formulação e envase com capacidade para 1 milhão de doses por dia”, disse.

Passará por esse processo a matéria-prima que o Butantã deverá receber da China nas próximas semanas para a produção de 40 milhões de doses. Outros 6 milhões de doses chegarão já prontas do país asiático.

Covas explica que o processo completo de produção da vacina não é tão simples quanto a fase final. Ele envolve cultivo do vírus em células e posterior inativação do patógeno para ser usado no produto (a presença do vírus na vacina, ainda que morto, é o que leva ao desenvolvimento de anticorpos). “O ciclo completo de produção leva cinco meses”, explica.

Em coletiva de imprensa nesta segunda-feira (9), o governador de São Paulo, João Dória, anunciou que as primeiras 120 mil doses da vacina CoronaVac chegarão no dia 20 de novembro ao estado. Segundo o governador, são esperadas até o dia 30 de dezembro um total de 6 milhões de doses do imunizante utilizado contra o novo coronavírus.

A Coronavac está na fase 3 de testes, a última para comprovar sua eficácia, mas ainda não tem data para terminar. A aplicação das doses, que chegam prontas, também depende da aprovação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Em caso de reprovação, esses 6 milhões de doses não poderão ser aplicadas.

“A vacina só será levada a público após autorização final [da Anvisa]”, reiterou o governador. “Essa data está confirmada. A Anvisa já havia autorizado [a importação]”, disse Dória. “Agora, autoridades sanitárias da China deram autorização para importação pelo Instituto Butantan”.

SP: Escolas reabertas não tiveram novos casos de transmissão de Covid-19

O processo de reabertura das escolas da rede estadual de São Paulo iniciado em 8 de setembro passou pela primeira avaliação. Segundo o secretário da Educação paulista, Rossieli Soares, passados dois meses desde a reabertura, não houve registro de transmissão do coronavírus nas salas de aula das unidades.

De acordo com o governo paulista, até a última quinta-feira (5), apenas 16 alunos foram diagnosticados com a Covid-19, mas os casos acontecidos fora do ambiente escolar foram “isolados” e não houve necessidade de intervenção nas unidades.

“Os casos têm sido monitorados, assim como temos feito o acompanhamento de contactantes, para entender se a transmissão existe e em que ambiente. Não há de transmissão dentro da escola. Os casos foram de dentro de casa ou de algum outro ambiente”, destacou o secretário Rossieli Soares.

O governo do Estado autorizou a retomada opcional nas escolas em setembro, com atividades extras e em cidades que estavam há mais de 28 dias na fase amarela, mas a decisão sempre coube aos prefeitos. Na capital paulista, por exemplo, o prefeito Bruno Covas (PSDB) só autorizou a volta às aulas no Ensino Médio no dia 3 de novembro.

Até o início desta semana, 1.300 escolas da rede estadual em 219 municípios paulistas vão retomar as atividades presenciais. Do total das unidades que optaram pelo retorno, 500 estão na capital. Juntas, as 1.300 unidades devem atender cerca de 400 mil alunos. O limite de estudantes em sala de aula, no entanto, é de 20% do total ao dia.

'Julgamento' do caso de estupro de Mariana Ferrer causa repúdio geral

Vítima de estupro vira réu durante sessão de julgamento, amplamente repudiada

Um julgamento em que uma vítima de estupro é humilhada e desrespeitada e a sentença inaugura um termo para designar um "crime" não previsto em lei causou revolta nesta terça-feira (3), e explodiu nas redes sociais, no parlamento e até entre juristas, como o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Gilmar Mendes.

O caso remete ao julgamento do empresário André de Camargo Aranha, de 43 anos, acusado de estupro de Mariana Ferrer, de 23 anos, durante uma festa em Florianópolis, em 2018. O julgamento aconteceu em setembro, mas o vídeo com trechos do julgamento foi divulgado hoje pelo site The Intercept Brasil. Veja abaixo:

Os trechos do vídeo em que o advogado do estupro, Cláudio Gastão da Rosa Filho, humilha e constrange a jovem seguidamente, sem que nenhuma intervenção do juiz do caso, Rudson Marcos, aconteça, causa indignação.

Mas todo o julgamento é "estorcedor", como afirmou o ministro Gilmar Mendes em seu Twitter.

Além da total inversão, onde a vítima é tratada como réu - pois, ali, quem devia estar sendo constrangido era o acusado de estupro uma jovem e, segundo os relatos, virgem -, o resultado do julgamento ("estupro culposo") revela uma espécie de conluio entre covardes retrógrados e doentios, desse tempo de atraso e falta de empatia em que bolsonaristas querem transformar o nosso país.

Não à toa, Cláudio Gastão, um dos advogados mais caros de Santa Catarina, é o mesmo que já defendeu figuras como Olavo de Carvalho e a também bolsonarista fanática Sara Winter, quando ela participou de ataques ao STF e foi presa pela Polícia Federal.

Conselho Nacional de Justiça abre processo contra juiz Rudson Marcos

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) abriu um procedimento disciplinar contra o juiz Rudson Marcos, da 3ª Vara Criminal de Florianópolis, que estava à frente do julgamento, em setembro de 2018, do processo em que a jovem Mariana Ferrer, na época com 21 anos, acusa o empresário André Aranha de estupro.

Durante o julgamento, o advogado do acusado Cláudio Gastão da Rosa Filho humilhou e desrespeitou Mariana seguidamente, sem que o juiz interferisse em nenhum momento pela vítima. O promotor do caso, Thiago Carriço de Oliveira, também assistiu a tudo sem se manifestar.

Segundo o conselheiro Henrique Avila, do CNJ, que entrou com o pedido para a apuração sobre a conduta do juiz, a jovem foi submetida a uma "sessão de tortura psicológica".

Em relação ao crime, que a partir da reportagem do site The Intercept Brasil com imagens de trechos da audiência, vem sendo chamado de "estupro culposo", ou estupro sem intenção de estupro, embora em nenhum momento o termo tenha sido usado na audiência, a conclusão do juiz é que não havia provas suficientes para condenação, além da palavra da vítima, e que, na dúvida, preferia absolver o empresário.

Segundo o juiz, "as provas acerca da autoria delitiva são conflitantes em si", sem levar em consideração, além da palavra da vítima, os exames realizados pelas autoridades em Mariana logo após o ocorrido, que comprovaram que houve ato sexual, ruptura do hímen e amostras de sêmen do acusado.

Além disso, a vítima também apresentou, no início do

Enquanto o advogado vociferava que a jovem posou em "posições ginecológicas", enquanto exibia fotos de Mariana vestida, dizer que "graças a Deus" não tem uma filha do "nível" dela; "e também peço a deus que meu filho não encontre uma mulher como você", entre outros impropérios, a única manifestação do juiz diante da vítima em prantos foi suspender a sessão para ela se "recompor".

Nesse momento Mariana clama por respeito: "Excelentíssimo, eu tô implorando por respeito, nem os acusados de assassinato são tratados do jeito que estou sendo tratada, pelo amor de Deus, gente. O que é isso?".

Ao final do julgamento, diante do absurdo argumento do advogado, também aceito pelo Ministério Público, de que não havia como o empresário saber, durante o ato sexual, que a jovem não estava em condições de consentir a relação, não existindo, portanto, "intenção" de estupro, o juiz proferiu a natureza do ato como "estupro culposo", um "crime" não previsto por lei. Sendo assim, se o crime não é previsto em lei, não há condenação e o empresário foi absolvido.

Como afirmou a deputada Jandira Feghali (PcdoB-RJ) em seu pronunciamento hoje na Câmara, "um caso de estupro de vulnerável virou um caso inédito no Código Penal, um crime que não existe, que é o 'estupro culposo'".

"Estupro sem a intenção de estupro... Não sei quem conhece esse crime, mas ele foi inocentado. Dupla indignação, nojo ao brutal retrocesso secular depois de tanta luta, de tanta conquista da sociedade brasileira", afirmou a deputada. Quero prestar minha mais absoluta solidariedade à jovem Mariana Ferrer", afirmou.



Para senadores, sessão revela covardia e aberração jurídica

Durante a votação no Senado que aprovou, na terça-feira (3), voto de repúdio contra o julgamento que absolveu o empresário André de Camargo Aranha, acusado de estupro a influenciadora digital Mariana Ferrer, e repúdio também ao advogado do réu, Cláudio Gastão da Costa Filho e ao promotor de justiça Thiago Carriço de Oliveira "por deturparem fatos de um crime de estupro com base em acusações misóginas" e exporem a vítima a sofrimento e humilhação, diversos senadores se manifestaram no Plenário ou em suas redes sociais.

"Manter relações sexuais com pessoa inconsciente não é 'apenas' estupro, mas um crime ainda mais grave: estupro de vulnerável", escreveu o senador Fábio Cantarato (Rede-ES) em postagem no Twitter.

"É irrelevante questionar a intenção do estupro. A vítima não tem condições de opor resistência. No caso Mariana Ferrer, vemos um erro gravíssimo da Justiça e o machismo na sua forma mais vil", afirmou o senador, que é delegado e professor de Direito.

"Envergonha-me viver em um país onde inventam até crimes para proteger criminosos. Estupro culposo é uma aberração jurídica que só alimenta a impunidade. E a covardia e o machismo prosperando no Brasil dos perversos poderosos", afirmou a senadora Mara Gabrilli (PSDB-SP).

Para a senadora Simone Tebet (MDB-MS), "advogado e juiz rasgaram a lei e desonraram a Justiça. Réu absolvido. Cuspida na cara das brasileiras, que exigem respostas".

"O caso se torna ainda mais repugnante com as lamentáveis cenas de humilhação protagonizadas pelo advogado de defesa contra a vítima", afirmou no Twitter a senadora Leila Barros (PSB-DF).

"A tese de estupro culposo, além de uma aberração jurídica, é perigosa. Abre precedentes justamente no momento em que se batalha para conscientizar a sociedade, sobretudo os homens, de que sexo sem consentimento é estupro", alertou.

A votação no Senado aconteceu após as imagens da audiência serem divulgadas pelo site The Intercept Brasil e indignarem o país.

No julgamento, além de a vítima ser insistentemente humilhada e desrespeitada pelo advogado do empresário, sem que o juiz, ou o promotor público, se manifestassem para impedir a tortura psicológica a que a jovem foi submetida, a sentença, inédita, absolveu o acusado por "não haver dolo", ou estupro sem intenção de estupro.

Comentarista pró-Bolsonaro é demitido da Record, Correio do Povo e Rádio Guaíba

Após ser demitido pelo Grupo Jovem Pan, na quarta-feira (4), o bolsonarista Rodrigo Constantino também foi demitido da Record, do Correio do Povo e do jornal Correio do Povo, nesta quinta-feira, 5.

As demissões ocorreram após o comentarista falar sobre o caso de estupro da jovem Marina Ferrer, que mobilizou toda sociedade após uma sessão de julgamento mostrar conduta agressiva e discriminatória contra a vítima por parte do advogado de defesa. Veja abaixo a íntegra do vídeo do julgamento:

O caso remete ao julgamento do empresário André de Camargo Aranha, de 43 anos, acusado de estupro de Mariana Ferrer, de 23 anos, durante uma festa em Florianópolis, em 2018.

Ao falar do caso, o comentarista, de forma asquerosa, difama a vítima do estupro e justifica a situação em favor do criminoso: "Se minha filha chegar em casa, eu dou boa educação para que isso não aconteça, mas a gente não controla tudo, se ela chega em casa e fala: 'pai, fui pra uma festinha e fui estuprada'. Eu vou falar: 'Me dá as circunstâncias'. 'Ah, fui pra uma festinha, eu e três amigas, tinha 18 homens, nós bebemos muito, tava ficando com dois caras e eu acabei dormindo. Fui abusada'. Ela vai ficar de castigo feio, eu não vou denunciar um cara desse pra polícia", disse.

"Eu vou dar esporro na minha filha, porque alguma coisa ela errou feio. E eu devo ter errado pra ela agir assim, né? Porque é um comportamento completamente condenável, porque a gente não pode mais falar essas coisas hoje em dia, né? Que existe mulher piranha e mulher decente. Como falei aqui, o homem que faz isso não é decente, mas também não existe a ideia de mulher decente? As feministas querem que não, né? Porque feminista é tudo recalçada, ressentida e, normalmen-

te, moceira, vadia, odeia homem, odeia união estável, odeia casamento, odeia tudo isso. Só por isso", disse o bolsonarista em seu comentário, veementemente repudiado pelas emissoras em que trabalhava.

Em nota, a Record afirmou que "a decisão foi tomada em virtude das posições que o profissional assumiu publicamente sobre violência contra a mulher, em canais que não têm nenhuma vinculação com nossas plataformas. O jornalismo dos veículos do Grupo Record tem acompanhado com muita atenção o caso de Mariana Ferrer e o Grupo não poderia, neste momento, deixar qualquer dúvida de que justiça não se faz responsabilizando ou acusando aqueles que foram vítimas de um crime".

"Apesar de ter garantias de liberdade editorial e de opinião, julgamos que o posicionamento adotado por Constantino não compactua com o nosso princípio de não aceitar nenhum tipo de agressão, violência, abuso, discriminação por questões de gênero, raça, religião ou condição econômica", acrescenta a emissora.

Rodrigo Constantino é conhecido por sua militância pró-Bolsonaro. No último período foi um dos que defendeu a ameaça de Bolsonaro a jornalistas, quando disse que iria "encher a boca desse cara de porrada", referindo-se a um repórter do Globo, que questionou sobre chques no valor total de R\$89 mil que teriam sido depositados pelo ex-assessor Fabrício Queiroz na conta da primeira-dama, Michelle Bolsonaro.

Mais recente, o comentarista também apoiou o pronunciamento marcado por mentiras de Bolsonaro na ONU, em que nega a existência de queimadas na Amazônia e Pantanal. "Ele trouxe dados e mostrou com números que o Brasil preserva florestas e tem um agronegócio pujante", disse.



Conduta de advogado e de juiz foram questionados por diversos órgãos



Manifestações foram realizadas em São Paulo e em diversos outros estados

"Justiça por Mariana Ferrer", exigem protestos realizados em todo o país

No último domingo (8), mais de dez cidades brasileiras tiveram atos em apoio à Mariana Ferrer, com a cobrança por justiça para a jovem. Em todas as regiões do país foram registrados protestos de rua.

O caso da influenciadora digital catarinense Mariana Ferrer, que denuncia o empresário André de Camargo Aranha de estupro, gerou revolta e mobilizou diversos setores da sociedade nas últimas semanas, principalmente após a divulgação de uma sessão do julgamento do caso, onde a vítima foi submetida ao que o Conselho Nacional de Justiça chamou de "tortura psicológica".

O ato em São Paulo se concentrou no vão-livre do Masp e depois seguiu pela rua da Consolação, na região central da cidade. No sábado (7), outras cidades paulistas, como Campinas e Vinhedo, também já tinham registrado protestos.

"Nosso ato foi potente! Mostramos que juntas somos voz ativa para que justiça seja feita por Mari Ferrer", afirmou Carina Vitral, líder do movimento feminino. Segundo a organização, cinco

Ajufe condena conduta discriminatória em julgamento

A Associação dos Juizes Federais do Brasil (Ajufe) divulgou nota de repúdio a "condutas discriminatórias ocorridas em audiência do caso 'Mariana Ferrer'", durante julgamento de estupro cometido contra a jovem. Veja no vídeo abaixo:

Por meio de sua Comissão Ajufe Mulheres, a entidade afirma que "vem a público repudiar a utilização de linguagem sexista e humilhante contra vítimas mulheres no âmbito do Poder Judiciário".

"As mulheres brasileiras, infelizmente, já sofrem de forma rotineira múlti-

plas formas de violência e preconceito. Ao buscar a justiça, elas almejam não apenas a merecida reparação contra tais eventos, mas, antes de tudo, acolhimento e respeito à sua condição. Por isso, a invocação, em juízo, de estereótipos sexistas e que buscam estigmatizar a pessoa, traduz discriminação com graves repercussões institucionais, capaz de atingir a credibilidade de todo o sistema de justiça".

"A Ajufe tem defendido ao longo dos anos a equidade entre homens e mulheres, seja fomentando a ascensão e a visibilidade

que reuniu mais de 30 mil seguidores, informava que as ações estavam marcadas em mais de 50 cidades. As manifestações, feitas em sua maioria por mulheres, pediam não só Justiça para a jovem, mas também ações de enfrentamento à violência contra a mulher.

Em Santa Catarina, estado da influenciadora, ocorreram atos na capital Florianópolis, além de Joinville, Balneário Camboriú, Criciúma e Itajaí. Em Florianópolis, a concentração foi em frente à Catedral Metropolitana, onde os manifestantes também denunciaram o aumento do número de estupros registrados em todo o país. Com faixas e equipamentos de som, as mulheres e os homens protestaram no local, respeitando a obrigatoriedade de uso de máscaras.

Em Joinville, a concentração aconteceu por volta das 14 horas em frente à sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) na cidade. O protesto seguiu em caminhada até a Prefeitura. Segundo a organização, tinham cerca de 300 participantes.

Os atos foram organizados nas redes sociais. Uma das páginas, intitulada "Na rua por Mariana Ferrer" e

que reuniu mais de 30 mil seguidores, informava que as ações estavam marcadas em mais de 50 cidades.

As manifestações, feitas em sua maioria por mulheres, pediam não só Justiça para a jovem, mas também ações de enfrentamento à violência contra a mulher.

Em Santa Catarina, estado da influenciadora, ocorreram atos na capital Florianópolis, além de Joinville, Balneário Camboriú, Criciúma e Itajaí.

Em Florianópolis, a concentração foi em frente à Catedral Metropolitana, onde os manifestantes também denunciaram o aumento do número de estupros registrados em todo o país. Com faixas e equipamentos de som, as mulheres e os homens protestaram no local, respeitando a obrigatoriedade de uso de máscaras.

Em Joinville, a concentração aconteceu por volta das 14 horas em frente à sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) na cidade. O protesto seguiu em caminhada até a Prefeitura. Segundo a organização, tinham cerca de 300 participantes.

As manifestações, feitas em sua maioria por mulheres, pediam não só Justiça para a jovem, mas também ações de enfrentamento à violência contra a mulher.

Em Santa Catarina, estado da influenciadora, ocorreram atos na capital Florianópolis, além de Joinville, Balneário Camboriú, Criciúma e Itajaí.

Presidente Arce chama a “reconstruir a Pátria com um governo para todos”



Bolivianos saúdam Luis Arce durante a cerimônia de posse em La Paz

“É mais fácil ser pai esta manhã” diz em lágrimas âncora da CNN após derrota de Trump

“É mais fácil ser um pai esta manhã. É mais fácil dizer a seus filhos que ter caráter importa. Que dizer a verdade importa. Que ser uma boa pessoa importa”, declarou o comentarista Van Jones, da CNN, na manhã de domingo (9), quando os órgãos de imprensa norte-americanos anunciaram a vitória do democrata Joe Biden.

Jones foi às lágrimas e a emoção do comentarista sintetizou o sentimento de milhões de norte-americanos.

“Agora a vida ficou mais fácil para muitas pessoas neste país”, acrescentou. “Se você é um mulçumano, você não precisa mais se preocupar com o fato de que o presidente não o quer aqui. Isso é resultado da dedicação de muitas pessoas que sofreram muito”.

Veja a continuação da declaração de Van Jones: Vocês sabem EU NÃO CONSIGO RESPIRAR... Isso não veio só de George Floyd, isso veio de muitas pessoas que sentiam que não podiam respirar.

Eu acordava todos os



“Racismo cresceu sob o governo Trump”, denuncia Jones

dias com aqueles tweets de Trump. Eu ia a uma loja e os apoiadores dele, que antes tinham vergonha de mostrar seu racismo, foram ficando cada vez mais nojentos, cada vez mais agressivos e aí você vai ficando preocupado com seu filho, com sua irmã. Ela não podia mais ir ao Walmart e colocar as compras no carro sem que alguém falasse alguma coisa nojentosa para ela.

E você gasta tanta energia de sua vida tentando somente suportar tudo isso...

E o que é mais importante: agora é a hora em que a gente vai conseguir paz, vai conseguir começar

de novo e a dignidade do país vai passar a importar de novo e ser uma pessoa boa vai passar a importar de novo.

Eu quero que meu filho veja o que foi esse governo Trump e que é fácil fazer as coisas do jeito errado, mas depois o troco vem. Esse foi um GRANDE dia para este país.

Eu sinto pelos eleitores que perderam a eleição. Para eles foi um dia ruim, mas para muitas pessoas este é um grande dia.

Acesse o desabafo de Jones no link: https://www.youtube.com/watch?v=2G14ZiYkqRA&feature=emb_logo

Ex-comandante sandinista Mónica Baltodano denuncia a ditadura de Ortega na Nicarágua

“Na Nicarágua, a luta é pelo mais essencial e básico: é pela liberdade, pelo direito de sermos livres”, afirmou a ex-comandante da Frente Sandinista Mónica Baltodano em entrevista ao secretário-geral da seção regional para a América Latina da União Internacional dos Trabalhadores da Alimentação (UITA).

“Na Nicarágua estamos numa situação que eu resumo que é a seguinte: suspensão total das garantias constitucionais dos direitos básicos de qualquer cidadão à mobilização, à expressão, à organização, a pensar diferente, a expressar opiniões distintas e que nos fazem retroceder há mais de 40 anos quando estávamos lutando contra a ditadura de Somoza”, prosseguiu a ex-comandante da Frente Sandinista de Libertação Nacional na entrevista ao podcast da seção regional da UITA - Rel-UITA.

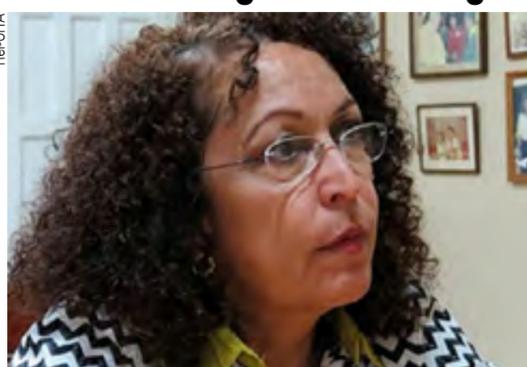
Vamos à entrevista:

Gerardo Iglesias - Sobre a atual situação da Nicarágua nos fala Mónica Baltodano, ex-comandante da Frente Sandinista de Libertação Nacional, amiga e companheira.

Mónica Baltodano - Primeiro em relação à situação econômica e social. A pandemia de Covid aumentou a pobreza e tem agravado as condições econômico-sociais da grande maioria dos nicaraguenses.

A pandemia veio afetar a indústria turística, foram fechados centenas de negócios, inúmeras empresas de confecção se foram, isso somado às condições derivadas da crise política de 2018, com o levante popular. Podes imaginar o quanto piorou.

A pandemia foi abordada pelo regime através da negação, como foi feito também com o



“A luta é por democracia e liberdades”, afirma Mónica

tema da repressão. Em primeiro lugar; tratando de minimizá-la; em segundo lugar; adotando uma política de contágio massivo através da promoção de várias atividades; e em terceiro lugar; com o ocultamento das cifras da pandemia.

Para dar uma ideia, o governo fala em 153 mortos até o dia de hoje, enquanto as cifras do Observatório Cidadão chegam a quase 3.000.

Hoje mesmo foram publicados dados estatísticos de como as próprias cifras que o Ministério da Saúde (Minsa) fornece fazem pressupor que os mortos na Nicarágua já chegariam a 6.000.

São apresentados os falecidos desde março com outros problemas, como de obstruções venosas, do coração, etc. Essas e outras enfermidades tiveram um aumento de 40%. Todos estes aumentos, conforme os especialistas, podem ser atribuídos ao Covid.

Iglesias - Faça uma breve análise da conjuntura na terra de Sandino.

Mónica - Pelo lado da situação política poderíamos caracterizar este ano como o da tentativa de criação de uma articulação das forças opositoras

através da Coalizão Nacional, que agrupa partidos políticos com personalidades jurídicas à União Nacional Azul e Branco (UNAB) e à Aliança Cívica.

São tentativas de agrupamento que apresentam uma série de dificuldades, uma delas é o descrédito dos partidos políticos, outra é o esforço divisionista que o governo faz para impedir que se concretize a articulação.

Mas, além disso, tem outro problema, que empurra fundamentalmente a saída para a via eleitoral. E essa via aparece imexível nas regras do jogo para favorecer atualmente o orteguismo não somente porque os árbitros são completamente ligados ao regime, mas porque as condições de construção das instâncias eleitorais, em todos os territórios, também estão absolutamente controladas.

Nestas condições a maioria das forças políticas pensa que seria um suicídio participar do processo eleitoral em 2021 sem que sejam feitas modificações substanciais nas regras do jogo e nos árbitros eleitorais.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br



Cineasta argentino Pino Solanas Solanas, cineasta dos embates e transformações da Argentina

A coluna que republicamos, de Maria do Rosário Caetano, divulgada na Revista do Cinema, com título original de “Solanas morre em Paris, vítima de Covid-19”, traz um relato da trajetória fílmica e ideias de Pino Solanas e mostra que sua decisão de levar à tela os desafios que se colocaram ao povo argentino fizeram dele um dos mais premiados cineastas latino-americanos. A coluna de Rosário é uma merecida homenagem ao cineasta que nos deixou, vitimado pela pandemia, no dia 7.

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O cineasta Fernando Solanas, diretor de clássicos como “La Hora de los Hornos”, “Tangos, o Exílio de Gardel”, “Sur” e “Memoria del Saqueo”, morreu na madrugada desse sábado, 7 de novembro, em Paris, onde exercia o cargo de embaixador da Argentina junto à Unesco. Foi vítima da Covid-19, mas que acometeu a ele e à esposa, a atriz brasileira Ângela Corrêa Solanas, sua companheira há 28 anos. Ela se recupera hospitalizada.

A chancelaria argentina, em nome do Governo Alberto Fernández-Cristina Kirchner, soltou nota de pesar pela morte do cineasta e embaixador: “Grande dor por Pino Solanas. Morreu no cumprimento de seus deveres como embaixador da Argentina junto à Unesco. Será lembrado por sua arte, por seu compromisso político e por sua ética sempre a serviço de um país melhor”.

Ex-senador da República argentina, Fernando “Pino” Solanas tinha 84 anos. Trabalhou incansavelmente como cineasta, político (foi candidato derrotado à presidência da Argentina pela Frente Sur) e diplomata. Um de seus últimos filmes, “O Legado”, revisitou a obra de Juan Domingo Perón (1895-1974), três vezes presidente da Argentina (1946-1952, 1952-1955 e, por breve período, 1973-1974). Peronista de esquerda, Fernando Ezequiel Solanas dedicou vários filmes ao mais famoso e controverso dos políticos argentinos.

Com “O Legado”, o cineasta recuperou trechos de conversas mantidas com o ex-presidente Perón durante exílio em Madri. As conversas, gravadas em 1971, já haviam rendido dois longos documentais: “Perón: Actualización Política y Doctrinaria para la Toma del Poder” e “Perón: la Revolución Justicialista”.

Solanas estreou no longa-metragem com filme realmente longuíssimo: “La Hora de los Hornos - Notas y Testimonios Sobre el Colonialismo, la Violencia y la Liberación” (1968). Realizado em parceria com Octavio Getino, seu colega no coletivo Cine Liberación, “A Hora dos Fornos” dura mais de quatro horas. O filme transformou-se em clássico do documentário latino-americano e correu festivais mundo a fora. Na Argentina, tornou-se peça de resistência na programação de cineclubes e sindicatos. Prova de sua importância é o fato de figurar na lista “50 maiores documentários de todos os tempos”, elaborada pelo BFI (Instituto Britânico de Cinema) e pela revista Sigh & Sound, poucos anos atrás. Nessa lista, há que se registrar, a presença de filmes do subcontinente é rara (o Brasil está ausente e só o chileno Patricio Guzmán conquistou duas vagas, com “A Batalha do Chile” e “Nostalgia da Luz”).

O filme seguinte de Solanas, “Los Hijos de Fierro”, era uma ficção de pegada documental, recriação livre e contemporânea do poema “Martín Fierro”, de José Hernández, protagonizada por atores não-profissionais.

No exílio francês, Solanas realizou “Le Regard des Autres” (“O Olhar dos Outros”), documentário sobre crianças portadoras de deficiência. Cinco anos depois, viria seu filme mais famoso, o film musical “Tangos, o Exílio de Gardel”, Prêmio Especial do Juri no Festival de Veneza.

Delirante e sonhador, “Tangos” arrebatou plateias e compradores em dezenas de mercados e motivou críticas entusiasmadas na Europa e América Latina. O crítico italiano Tullio Kezich definiu o novo gênero cinematográfico criado por Solanas - a “tanguédia”, ousada mistura de tango, tragédia e comédia, para concluir: “Solanas realizou o mais belo musical de todos os tempos”.

Em dezembro de 1985, menos de três meses depois do triunfo em Veneza, “Tangos, o Exílio de Gardel” conquistava o Gran Coral Negro, prêmio máximo do Festival do Novo Cinema Latino-Americano de Havana, dividido com o também formidável “Frida, Natureza Viva”, de Paul Leduc. Na trilha sonora da “tanguédia” argentina, estava Astor Piazzolla, que também conquistou o seu Prêmio Coral.

O argentino Carlos Gardel (1890-1935) nunca viveu no exílio. Esta experiência foi vivida pelo diretor do filme. Pino Solanas lançou, claro, mão de intencional e onírica liberdade poética ao reunir um grupo de exilados argentinos, em Paris, para montar espetáculo teatral capaz de denunciar a ditadura em seu país natal e, de quebra, lhes garantir a subsistência cotidiana. Composta de atos, a peça dentro do filme soma números de dança, música e a dor do exílio. A trilha sonora de Piazzolla (1921-1992), com contribuições de Castiniera de Diós e do próprio Solanas, resultou arrebatadora e ultrapassou sua função original. Fez sucesso fora do celuloide.

Fernando Solanas contou, em Gramado, quando recebeu o Kikito de Cristal, láurea atribuída a grandes nomes do cinema latino-americano, que seu sonho era ser músico, compositor. Estudou música seriamente. O cinema, porém, assumiu o primeiro plano e a música tornou-se atividade esporádica. Dele, Caetano Veloso gravou, no CD “Fina Estampa”, a canção “Vuelvo al Sur” (melodia de Piazzolla, letra de Solanas).

Para somar cinema e música, ele realizou, também, “Sur”, “Com Tangos, o Exílio de Gardel” - contou em Gramado 2015 - “um filme ambientado em Paris, mostrei o exílio visto de fora”. Já em “Sur”, “vemos o exílio interior, o sentir-se deslocado em seu próprio país”.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

Republicanos não aceitam a “insanidade” de Trump sobre “fraude” na apuração

“Se Trump tem preocupações ‘legítimas’ sobre fraude, elas precisam ser baseadas em evidências e levadas ao tribunal”, afirmou o deputado republicano Adam Kinzinger que, dirigindo-se a ele acrescentou: “Pare de espalhar desinformação que já foi desmascarada”.

“Isto está ficando louco”, acrescentou o deputado por Illinois.

Assim como Kinzinger, ampliou-se o número de líderes republicanos que já vinham se afastando de Trump, depois de sua difamação do processo eleitoral norte-americano com base em afirmações mentirosas que, segundo estes líderes do seu partido são “perigosos e atentam contra a democracia” dos EUA.

Até mesmo o senador Mitch McConnell, que, como líder da bancada republicana, agiu como fiel escudeiro de Trump, assumiu um claro distanciamento da insanidade do ocupante da Casa Branca: “A decisão dos Estados sobre como realizar a eleição não é assunto do governo federal”, avaliou o parlamentar ao destacar que os candidatos devem se adaptar “às regras de cada Estado”, como rege a Constituição norte-americana.

Trump já mostrou que planeja rejeitar a derrota que se torna mais incontornável a cada urna aberta e a cada voto computado.

Com Biden já com 264 votos assegurados no Colégio Eleitoral, faltando apenas seis para passar a deter a maioria e se tornar presidente e, ainda, ampliando as margens na Pensilvânia e em Nevada e com maioria já obtida na Geórgia, Trump tem feito o papelão de usar o prédio público da Casa Branca para declarar vitória e mentir sobre roubo e incitar apoiadores dizendo que o sistema está corrompido. Afirma repetidamente que há “fraude” nas eleições (sem apresentar evidência) e ameaça ir à Suprema Corte para contestar o resultado.

O senador Marco Rubio também procurou se afastar do discurso desonesto de Trump. “Levar dias para contar os votos legalmente não é fraude”, declarou o senador.

Na mesma linha, o ex-governador republicano Chris Christie, que também é conselheiro do presidente, ao assegurar que o processo deve se desenvolver antes de ser julgado como falho, em conversa com a ABC News: “É uma decisão estratégica ruim, é uma decisão política ruim e não é o tipo de decisão que você esperaria de alguém que ocupa a posição que ocupa, como fez esta noite”.

O senador pela Pensilvânia, Pat Toomey, cujo Estado é um campo de batalha importante na eleição presidencial, disse, nesta sexta-feira (6), que não viu nenhuma evidência que possa apoiar a tese de fraude eleitoral, levantada por Trump na noite de quinta-feira. “O discurso do presidente na noite passada foi muito perturbador para mim porque ele fez alegações muito, muito sérias, sem nenhuma evidência para apoiá-las”, disse Toomey à CBS no programa “This Morning”.

Para o governador do Partido Republicano de Maryland, Larry Hogan, “não há defesa para os comentários do presidente esta noite do dia 5 minando nosso processo democrático. A América está contando os votos e devemos respeitar os resultados como sempre fizemos antes”.

“Nenhuma eleição ou pessoa é mais importante do que a nossa democracia”, acrescentou Hogan. “É fundamental que demos aos funcionários eleitorais tempo para concluir seus trabalhos e que garantamos que todas as cédulas legítimas sejam permitidas e contadas”, disse também a senadora republicana Lisa Murkowski, do Alasca.

Fox News se descola de Trump e reconhece que o vencedor é Biden

No sábado, a Fox News, que tem sido o principal sustentáculo de Trump na mídia tradicional, se descolou do presidente reality show e registrou a vitória do democrata Joe Biden na eleição, estampando ainda o placar de 290 a 213.

Durante a semana, âncoras da emissora vinham dando força às mentiras de Trump sobre “fraude na eleição”. A questão é importante, entre outros aspectos, porque, como nos EUA não existe uma justiça eleitoral que proclame o resultado, como é feito praticamente no mundo inteiro, acaba sendo a projeção, pelas redes de televisão e pelos jornais, do vencedor, que cumpre esse papel. E em seguida, o candidato perdedor reconhece a derrota, e em seguida acontece o discurso da vitória do eleito.

Fox News registra que a vitória é de já tinha chamado a atenção, que quando a Associated Press concedeu a vitória no Arizona a Biden, fora acompanhado pela Fox News – embora não pelo The New York Times ou pela NBC.

O que deu origem à polêmica sobre se Biden estava com 264 – como já garantiam a AP e a Fox News, ou com 253, nas contas de outros meios de comunicação.

Inclusive o portal Político registrou o incômodo provocado na Casa Branca pelo registro da Fox News. Segundo relatos pos-

teriores, o próprio Trump teria tentado, em vão, em telefonema ao bilionário dono da rede de televisão, Murdoch, para evitar que a Fox News endossasse o avanço de Biden no Arizona.

O anúncio da AP – que a Fox seguiu – cumpriu um papel muito importante naquele momento do ponto de vista político e do moral da militância oposicionista, ao demonstrar que o caminho da vitória continuava aberto para Biden, apesar da vitória de Trump na Flórida e da ‘miragem vermelha’ na votação da Pensilvânia.

Depois, ainda com a contagem de votos no Arizona em andamento, a vitória de Biden na Pensilvânia resolveu a questão, ao tornar impossível que Trump o alcançasse no Colégio Eleitoral. Os democratas venceram a disputa pelo Senado no Arizona.

A parte a Casa Branca, a Fox News não deixou desamparada a torcida pró-Trump, com chamadas de que “Trump perdeu, mas o trumpismo não acabou” e destaques para as falsidades do advogado faz-tudo de Trump, Rudy Giuliani, sobre “eleição roubada”. Além da cínica rejeição de um apresentador de que as comemorações nas ruas pela derrota de Trump não estariam respeitando as “normas de distanciamento”.

Multidão festeja derrota de Trump em frente à Casa Branca: ‘Está demitido!’



Mobilização para que os votos fossem contados funcionou: “acabou Trump”

Inépcia de Trump leva EUA a 128 mil casos/dia e Biden anuncia força-tarefa antiCovid

Sob o negacionismo e incompetência do governo Trump, agora desalojado pelas urnas, o coronavírus está descontrolado nos Estados Unidos, com os novos casos diários ultrapassando a marca dos 120 mil e sistema hospitalar perto do limite em muitos Estados. Nesta segunda-feira (9), o presidente eleito Joe Biden anunciou sua nova força-tarefa contra a pandemia, conclamou ao uso da máscara e garantiu que a vacina será gratuita.

Na quinta-feira (5), foram registrados mais de 121.888 novas infecções em 24 horas. Na sexta-feira (6), 126.480. No sábado (7), os novos casos de Covid-19 foram 128.412.

Recordista mundial em mortos e contágios, os EUA chegaram nesta segunda-feira (9) segundo a Universidade Johns Hopkins a 10 milhões de infectados, 20% do total mundial – sendo que os norte-americanos são 4% da população do planeta. A marca de 9 milhões de contágios havia sido registrada no dia 30 de outubro.

Assim, não surpreende que a questão decisiva para a definição do voto nos EUA haja sido o fracasso de Trump diante da pandemia.

Ao apresentar seu conselho consultivo para a pandemia, Biden declarou que “vamos seguir a ciência. Vou falar de novo: vamos seguir a ciência”. Ele salientou que lidar com a pandemia “é uma das batalhas mais importantes que nosso governo enfrentará”.

Recordista mundial em mortos e contágios, os EUA chegaram nesta segunda-feira (9) segundo a Universidade Johns Hopkins a 10 milhões de infectados, 20% do total mundial – sendo que os norte-americanos são 4% da população do planeta. A marca de 9 milhões de contágios havia sido registrada no dia 30 de outubro.

Estudantes do ensino médio protestaram em Paris, na terça-feira (3) contra o distanciamento social inadequado nas escolas e a falta de medidas de segurança para deter a transmissão do coronavírus um dia depois que as instituições de ensino reabriram para um novo semestre em toda a França e menos de uma semana após o país entrar em sua segunda quarentena provocada por um aumento descontrolado de casos de Covid-19.

A polícia francesa reprimiu com gás lacrimogêneo as manifestações que bloqueavam a entrada em pelo menos 10 escolas de ensino médio em Paris, enquanto os alunos protestavam contra os protocolos do coronavírus que, segundo eles, não seguem os cuidados necessários no início do novo ano letivo no país.

Os alunos usaram latas de lixo para bloquear as entradas no colégio The Colbert no 10º distrito da cidade e na escola Sophie-Germain no 4º distrito, criando situações de tensão que não foram respondidas

o presidente eleito disse ainda: “Eu imploro: usem máscara”. Convocando à união para derrotar o vírus, Biden salientou que uma máscara “não é uma declaração política, mas uma boa forma de unir o país”.

O negacionismo ao uso da máscara e ao distanciamento social se tornou a marca registrada da manipulação, por Trump e seus sequazes, do eleitorado branco pouco escolarizado, como forma de dividir e gerar hostilidade.

“RENDIÇÃO” AO VÍRUS

Os mortos pela Covid ultrapassaram os 237 mil – mais que os norte-americanos mortos na I Guerra Mundial e nas guerras do Vietnã, Iraque e Afeganistão, somados.

Apenas no sábado, quase 1.100 norte-americanos morreram da Covid, de acordo com o Covid Tracking Project. “São três aviões a jato cheios de pessoas caindo e morrendo”, disse David Eisenman, diretor do Centro de Saúde Pública e Desastres da UCLA, que previu que ficará “cada vez pior”.

O Instituto de Avaliação e Métricas de Saúde da Universidade de Washington previu que 370 mil americanos morrerão até o dia da posse de Biden – exatamente um ano após ter sido relatado o primeiro caso de Covid-19 nos EUA.

A contagem diária de novos casos nos EUA é ago-

ra maior do que o número total de casos de Covid-19 na China durante toda a pandemia. O número médio de novos casos diários na América aumentou espantosos 30 por cento na semana passada.

Em 43 dos 50 Estados, os contágios diários estão em alta, sendo que em 19 Estados é recorde o número de pessoas hospitalizadas. Em várias áreas do país, a escassez de leitos de UTI e de pessoal especializado está deixando os pacientes amontoados em salas de emergência. Entre os Estados mais afetados estão os do centro rural do país, onde os sistemas de saúde são cronicamente subfinanciados.

“INVERNO SOMBRIO”

À medida que o inverno se aproxima, a situação sanitária do país fica mais precária. “Novembro vai ser muito difícil para todos nós”, disse a governadora democrata Michelle Lujan Grisham – candidata a liderar a pasta da Saúde no governo de Biden. “Não há nada que possamos fazer, nada, que mude a trajetória. ... É tarde demais para reduzir drasticamente o número de mortes. Novembro acabou.”

O Texas agora tem mais casos do que qualquer outro Estado, com mais de um milhão. O Departamento de Defesa enviou três equipes médicas de emergência para El Paso, e a cidade montou instalações médicas de emergência temporárias...

Leia mais no site do HP

França: estudantes erguem barricadas em repúdio à falta de proteção contra Covid-19 nas escolas

satisfatoriamente pelas direções das escolas.

Policiais com coletes a prova de bala e máscaras, muitos dos quais brandiam escudos, espalharam gás lacrimogêneo para dispersar multidões de estudantes e até atacaram jornalistas que tentavam cobrir os protestos. Cerca de 60 estudantes teriam sido detidos e multados por sua participação nos protestos.

“Não nos sentimos seguros”, disse a estudante Helene Boucher à emissora BFM. “Estamos todos amontoados em salas mal ventiladas, mesmo se usarmos a máscara”, desabafou.

Mais cedo, muitos estudantes compartilharam vídeos que mostram a superlotação nas áreas comuns das escolas que abriram suas portas para o novo ano letivo, na segunda-feira (2).

“Nossas aulas estão cheias, com estudantes sentados um ao lado do outro”, denunciou Jean, aluno do Lycée Colbert. “Tentaram reorganizar as mesas, mas não muda nada porque ainda há 30 de nós numa sala.

Do lado de fora da Casa Branca, na Times Square em Nova York, em Atlanta, Filadélfia e em muitas outras cidades, as pessoas dançaram, gritaram e ergueram os punhos, alegres por terem se livrado de mais quatro anos de obscurantismo com Trump

Nos EUA, de costa a costa as ruas ficaram lotadas no sábado (7) para comemorar que “acabou Trump” [Trump is over], cantando, dançando exibindo bandeiras e cartazes. De Atlanta a Nova York, de Filadélfia a Washington, de New Orleans a Oakland a alegria se espalhou, assim como os buzinaços.

Na Praça Black Lives Matter do lado de fora da Casa Branca, pessoas em êxtase festejaram a vitória de Joe Biden e Kamala Harris e não faltou sequer o boneco inflável Trump, com a novidade das orelhas de rato. A multidão também se divertiu proclamando o bordão de Trump no seu reality show, ‘O Aprendiz’: “Você está demitido”.

Depois de terem de atuar Trump nos seus comícios parasitando sucessos, muita gente cantou o “na na na hey hey goodbye”, para dar um adeusinho ao presidente bilionário.

Eram centenas de pessoas aplaudindo, cantando palavras de ordem, acenando com bandeiras e se congratulando mutuamente pela vitória, depois de quatro anos de retrocesso, racismo, xenofobia e obscurantismo negacionista da ciência diante de uma pandemia.

Na Times Square, em Nova York, as pessoas dançaram, gritaram e ergueram os punhos, por terem barrado um segundo mandato de Trump, que passará

espermeio de Trump. Biden havia enfatizado, diante da tentativa do atual inquilino na Casa Branca de afrontar a integridade da eleição, que “ninguém vai tirar nossa democracia, nem agora, nem nunca”. E voltara a enfatizar que “todos os votos precisam ser contados”.

Biden, no entanto, abriu um caminho para a reconciliação entre setores do país tão divididos no momento pela política nefasta de Trump.

“Temos que lembrar que o propósito de nossa política não é uma guerra total implacável e interminável. Não, o propósito de nossa política, o trabalho de nossa nação, não é aticar as chamas do conflito, mas resolver problemas, garantir justiça, dar a todos uma chance justa”.

Na liturgia política norte-americana, é o ato do perdedor de reconhecer a vitória do oponente que consagra o fim da discussão sobre o resultado da eleição. Ninguém espera que Trump seja capaz de tal gesto, mas como a campanha de Biden já assinalou, o governo dos EUA tem todos os recursos para “escortar um invasor para fora da Casa Branca”.

Na contagem do voto popular, Biden colocou mais de 4 milhões de sufrágios de frente. A eleição nos EUA havia se tornado um referendo sobre Trump e sua inépcia e obscurantismo diante da pandemia, que resultou no agravamento da crise econômica e milhões de desempregados, e da sua apologia do racismo e da xenofobia, em meio às maiores manifestações em 50 anos contra a injustiça.

O lema da campanha de Biden foi “salvar a alma da nação”. Já o de Trump, “lei e ordem” contra quem exige justiça e igualdade. Como definiu o senador progressista Bernie Sanders, a eleição era sobre “a democracia ou Trump”.

à história com um adjetivo que ele particularmente odeia: loser [perdedor].

A festa começou assim que a Associated Press, como faz em eleições nos EUA há quase dois séculos, registrou que Biden havia vencido na Pensilvânia, com o que ultrapassava a marca dos 270 votos no Colégio Eleitoral, que determinam a vitória da disputa a presidente. Outros órgãos de imprensa acompanharam a afirmação da AP – inclusive a Fox News, principal sustentáculo de Trump na mídia.

Na América de Trump, o clima é de desolação, enquanto bandos de trumpistas insistem na farsa do “Pare o Roubo” e na vã “recontagem dos votos legais”.

Em um breve comunicado, Joe Biden agradeceu ao povo norte-americano “por terem me escolhido para liderar nosso grande país” e se disse “honrado”. “O trabalho que nos espera será duro, mas eu lhes prometo isso: serei presidente de todos os americanos – se você votou em mim ou não. Eu preservarei a fé que vocês depositaram em mim”. “Conseguimos, Joe”, saudou em telefonema a Biden a vice Kamala.

Trump foi para a Flórida esfriar a cabeça em um campo de golfe de sua propriedade, e mais tarde voltou à Casa Branca, onde se encontra ouvindo a algazarra da comemoração da derrota dele.

Com vitórias na Pensilvânia, Nevada e Geórgia, Biden derrota Donald Trump e é eleito presidente

Ao sair o resultado da contagem dos votos da Pensilvânia, dando vitória ao democrata Joe Biden, por ter alcançado um número irreversível em termos de vantagem nos votos do Estado, ele conquista, na tarde de sábado (7), mais 20 delegados e, juntando-se aos 264 que já computava, chegou ao número de delegados de 284 no Colégio Eleitoral, e se tornou o presidente eleito dos Estados Unidos.

Logo em seguida ao anúncio do resultado da Pensilvânia, a Associated Press relatou a vitória de Biden em Nevada, conquistando mais seis votos e totalizando 290 delegados.

As projeções dos órgãos de imprensa norte-americanos indicaram que Joe Biden ampliaria a margem favorável com os resultados esperados na Geórgia, podendo perfazer mais de 300 delegados para garantir a conquista da Presidência com folga. O que foi confirmado em seguida.

Os apoiadores de Biden festejam diante da Casa Branca a superação do número mínimo de 270 votos que necessitava para se tornar presidente eleito dos Estados Unidos. As manifestações pela vitória se espalharam pelas ruas das cidades norte-americanas: “Trump is over” (“Acabou Trump”).

As falácias de Trump para justificar sua postura antidemocrática de não querer aceitar a derrota no voto se esboroa e a vitória de Biden se consolida.

As desesperadas tentativas trumpistas de parar a contagem dos votos e levar no tapetão não tiveram nenhum resultado e até republicanos vêm discordando da sua afronta à integridade do processo eleitoral e conlamanções mentirosas sobre “fraude” e “eleição roubada”.

Na madrugada de sexta para sábado, Biden havia discursado se dizendo confiante mas ainda sem declarar vitória, para não dar espaço ao

A derrocada de Bolsonaro e as próximas eleições no Brasil

Convenhamos que, no Brasil, os candidatos que colaram em Bolsonaro parecem ter adquirido uma modalidade político-eleitoral da lepra. Ninguém – ou pouca gente – quer se aproximar deles

CARLOS LOPES

Em meio às comemorações pelo descarte de Trump, alguém disse que, no Brasil, os candidatos de Bolsonaro, para as próximas eleições municipais, afundam tanto quanto o energúmeno que está sendo despejado da Casa Branca. Trata-se de um modo muito suave – e, talvez, falso – de colocar a questão.

Não porque a derrota de Trump seja pequena. Ao contrário do que disseram, segundo a TV, alguns bolsonaristas, não é verdade que sua derrota, para Bolsonaro, seja coisa de somenos – porque não teria acontecido uma suposta “onda azul” a varrer os EUA, e o “trumpismo” seguiria forte naquele país.

Primeiro, essa “onda azul” era mais uma fabricação do pavor bolsonarista frente a qualquer movimento democrático – mesmo um movimento tão limitadamente democrático, como são, há muito, as eleições nos EUA – do que uma expectativa real.

Segundo, o “trumpismo” não existe. Existe a decadência cultural, política, ideológica e econômica do imperialismo norte-americano, que está levando aquele país a um carnaval de aberrações desumanas, mal parafraseando um pensador brasileiro dos fins do século XIX e início do século XX.

Terceiro, a posição de Bolsonaro sempre foi a mesma do beato Salú – isto é, daquele maluco que ele nomeou para o Itamaraty –, segundo o qual, Trump é o representante de Deus, encarregado de “salvar o Ocidente” (não importa que nenhum dos dois saiba o que significa “Ocidente”).

Por isso, quando Bolsonaro disse – ainda com a apuração das eleições nos EUA sem definição, embora correndo mal para o seu apóstolo (nos perdoem os leitores pelo uso dessa palavra para um crápula, como Trump, mas cada um escolhe o apóstolo à sua própria imagem) – que “eu não sou a pessoa mais importante do Brasil, assim como Trump não é a pessoa mais importante do mundo, como ele bem mesmo disse. A pessoa mais importante é Deus”, isso quer dizer apenas que ele se considera, assim como considera Trump, um enviado de Deus. Naturalmente, um enviado não pode ser mais importante do que aquele que o enviou...

Se isso parece muito doído aos leitores e às leitoras, é apenas porque somos um jornal com leitores normais. Porém, esse não é o caso nem de Bolsonaro nem do beato Salú.

Mas, aqui, não nos estenderemos sobre as consequências da derrota de Trump para Bolsonaro – embora, voltaremos rapidamente ao assunto, antes de dar o ponto final neste artigo.

Retornemos, portanto, às eleições do Brasil, e ao sensacional desempenho dos candidatos de Bolsonaro – principalmente aqueles apoiados explicitamente por ele.

DERROTA CONTAGIOSA

Convenhamos que, no Brasil, os candidatos que colaram em Bolsonaro parecem ter adquirido uma modalidade político-eleitoral da lepra.

Ninguém – ou pouca gente – quer se aproximar deles. O contágio de Bolsonaro parece ter o condão de afundá-los mais e mais na corrida eleitoral. Mesmo aqueles que já eram eleitoralmente medíocres, estão sendo reduzidos a pequenos restolhos no redemoinho de um ralo. Pior ainda para os que, no início da campanha, apresentavam alguma perspectiva acima da mediocridade eleitoral.

Há poucos dias, um órgão pouco propenso à oposição a Bolsonaro – portanto, nesse caso, insuspeito – dizia que, com exceção de Fortaleza, os candidatos apoiados por Bolsonaro “patinavam nas pesquisas”, o que era uma forma amenizada de dizer que eles desciam do abismo sem o uso de paraquedas (v. Andrea Torrente, **A exceção**

de Fortaleza, candidatos com apoio explícito de Bolsonaro patinam nas pesquisas, Gazeta do Povo 03/11/2020).

A exceção era um deputado federal do Pros, com o nome eleitoral de Capitão Wagner, que é candidato a prefeito da capital cearense.

Pois, no mesmo dia em que o artigo que citamos foi publicado, o Ibope divulgou sua última pesquisa, com o bolsonarista Capitão Wagner caindo para segundo lugar, e ameaçado de sair da pista que leva ao segundo turno (v. Altamiro Borges, **Capitão Wagner cai no CE. Culpa do Bolsonaro?**, HP 07/11/2020).

O resto... bem, não se pode dizer que o resto é silêncio, como Hamlet ao morrer – até porque Bolsonaro não sabe quem é Hamlet, nem quem foi Shakespeare, nem o que é silêncio.

Pelo contrário, tem sido algo barulhento o desmoronamento de Russomanno, em São Paulo; de Crivella, no Rio de Janeiro; a perenização do achatamento, em Belo Horizonte, de Bruno Engler, o amigo dos zero-zero, isto é, dos filhos de Bolsonaro; a remessa ao quinto (aliás, ao sexto...) dos infernos eleitorais do padrinho de casamento de Bolsonaro, e seu candidato à Prefeitura de Manaus, Coronel Menezes; o esqualido desempenho dos candidatos bolsonaristas em Curitiba, Belém, Porto Alegre, Salvador e Recife – e paramos por aqui apenas para não continuar repetindo e lotando de monotonia o saco do leitor.

Em todas essas cidades, Bolsonaro, em 2018, ganhou as eleições. Aliás, vejamos os resultados de Bolsonaro, em 2018, nestas cidades, em percentagem dos “votos válidos” (isto é, dos votos dados a algum candidato) no primeiro turno:

São Paulo: 44,58%;
Rio de Janeiro: 58,29%;
Belo Horizonte: 55,17%;
Manaus: 57,30%;
Curitiba: 62,13%;
Belém: 43,18%;
Porto Alegre: 45,43%;
Salvador: 47,75%;
Recife: 43,14%.

Das cidades que citamos, Bolsonaro apenas em Fortaleza não foi o primeiro colocado em 2018. Mas ficou em segundo, com 34,38% dos “votos válidos”, depois de Ciro Gomes (40,13%).

Pois essas, repetimos apenas para ressaltar, são as mesmas cidades onde os candidatos bolsonaristas hoje se arrastam, nas preferências eleitorais, como répteis engrenados em marcha a ré.

Não poderia haver derrocada política mais escandalosa.

O fato de que alguns indivíduos, em geral pertencentes aquele círculo conhecido por “Centrão”, não tenham ainda percebido que Bolsonaro, em termos eleitorais, é portador de uma doença potencialmente mais contagiosa – e mais letal – do que a COVID-19, demanda, no entanto, uma abordagem dessa derrocada.

O FALSO LUSTRO

Então, o que houve? Evidentemente, houve um governo – um desgoverno, pois, nesse caso, o clichê corresponde totalmente à realidade – desastroso, o pior da história do país desde, pelo menos, o conde da Cunha, vice-rei da colônia lusitana do Brasil entre 1763 e 1767.

Com uma diferença importante: um dos puxa-sacos do conde da Cunha, o poeta Basílio da Gama, escreveu que pretendia “Ajuntar mais um eco à vossa glória, / Sem abrir os anais da antiga História” (cf. *Ode ao Conde da Cunha, Obras Poéticas de Basílio da Gama*, Edusp, São Paulo, 1996, org. Ivan Teixeira).

Já os puxa-sacos de Bolsonaro, bem menos ilustrados, como se viu no caso do senador Chico Rodrigues, não têm inibições quanto a anais de qualquer tipo. Não se trata apenas de um trocadilho, mas de uma realidade



que revela muito do que é o bolsonarismo e sua falta de limites, inclusive na corrupção.

Entretanto, em seguida à prisão, em junho deste ano, de seu operador, Fabrício Queiroz, Bolsonaro pareceu, a alguns, ter se civilizado – pelo menos na casca.

Houve até quem dissesse que ele aprendera a fazer política...

Na prática (isto é, na verdade), o que houve foi medo, covardia, diante da Justiça, da Polícia e do Ministério Público.

O grau de socialização de Bolsonaro é inferior ao da maioria dos gangsters, pelo menos aqueles tipo Don Corleone, do filme de Francis Ford Coppola (“O poderoso chefe”) e do livro de Mario Puzo (“The Godfather”).

Por exemplo, apesar de sua suposta e súbita “civilização”, ele não se sentiu obrigado a explicar por que Queiroz depositou R\$ 89 mil na conta de sua mulher, Michelle Bolsonaro.

O sujeito é Presidente da República e não acha que é preciso explicar ao povo, à sociedade, por que um delinquente, um “militiano” com 10 mortes nas costas, sob processo e investigação do Ministério Público, da Polícia e da Justiça, depositou R\$ 89 mil na conta da sua mulher – depósitos que, inclusive, desmontam a própria explicação de Bolsonaro sobre o achado anterior do Coaf, há dois anos, de depósitos de R\$ 24 mil na conta da mesma Michelle, pelo mesmo Fabrício Queiroz (v. HP 08/12/2018, **Jair Bolsonaro diz que não informou à Receita depósitos suspeitos de Queiroz, e, Bolsonaro explica que ninguém recebe dinheiro sujo com cheque nominal**; HP 09/12/2018, **Bolsonaro agora diz que quer explicações do motorista que depositou 24 mil na conta de sua mulher**).

De onde se conclui que a suposta conversão de Bolsonaro à civilização era apenas o medo da Polícia e dos demais órgãos que investigam os delitos de sua família – isto é, dele próprio e de seu entorno.

Por isso, durante algum tempo, manteve a boca fechada quanto ao ataque às instituições – sobretudo ao Supremo Tribunal Federal (STF) e ao Congresso Nacional.

Mas há um outro elemento, nas ilusões “civilizatórias” em relação a Bolsonaro.

Esse elemento são os R\$ 321 bilhões que o governo gastou – por iniciativa sobretudo do Congresso – com o “auxílio-emergencial” após o deflagrar da pandemia de COVID-19.

Como diz um articulista: “A popularidade de Bolsonaro cresceu e a economia não afundou porque o governo jogou R\$ 321 bilhões no programa de Auxílio Emergencial (...). Só que o déficit público deste ano foi para quase R\$ 900 bilhões e não há condições para manter um programa que, mesmo na sua versão mais barata, custa R\$ 25 bilhões ao mês. O Auxílio Emergencial termina em dezembro e, até agora, o governo não tem ideia do que fazer a partir de janeiro” (v. Thomas Traumann, **Janeiro vai cobrar Bolsonaro e Guedes**, Veja 20/10/2020).

Em outras palavras: a continuação do “auxílio emergencial”, no quadro da política reacionária

Bolsonaro com o enviado de Trump, Robert O'Brien, 14 dias antes das eleições nos EUA (foto: Marcos Corrêa/PR)

de Guedes e Bolsonaro, é insustentável.

Aliás, talvez fosse mais preciso dizer que a própria política econômica de Bolsonaro e Guedes, inclusive o “auxílio emergencial”, é insustentável.

Sobretudo e principalmente quando essa política é, para usar uma expressão popular direta, a de não dar nada ao povo. O impasse no “renda Brasil” ou “renda cidadã”, ou lá que nome tenha, é exatamente esse: o de querer estabelecer um curral eleitoral cortando direitos e benefícios.

Assim, para que haja o “renda alguma coisa” sempre aparecem as ideias geniais: rebaixar as aposentadorias, cortar gastos de uma máquina pública (ou seja, gastos com atendimento ao povo) que já está em perigoso estado de raquitismo, aumentar a carga de impostos, etc., etc.

Ou seja, o “renda qualquer coisa” acaba sendo – se for – mais um corte, uma perda, que alguma vantagem adquirida.

Mas aqui é preciso voltar ao propalado aumento de popularidade de Bolsonaro, para perceber o quanto ele é frágil – o que, aliás, já está demonstrado na atual campanha eleitoral.

ILUSÕES E ALUCINAÇÕES

A ilusão bolsonarista, nesse caso, é uma sucessora da ilusão lulista de que o “Bolsa-família” garantiria voto eterno em Lula e no PT.

Essa forma – aliás, moralmente repugnante – de tentar criar currais eleitorais de baixo custo individual, às custas do dinheiro do Estado, tem um problema: quem controla o curral é quem tem a chave do cofre.

Assim, são, *grosso modo*, as mesmas áreas que votavam em Lula por causa do “Bolsa-família” que passam a apoiar (e “aprovar”, nas pesquisas de opinião) Bolsonaro, por causa do “auxílio emergencial”.

Existe, aqui, um debate que está presente no Brasil desde o governo Fernando Henrique: a ideia de que uma política de desenvolvimento nacional (mais precisamente, poderíamos chamá-la de política **geral** de desenvolvimento nacional) pode e deve ser substituída por políticas **focais**, é inteiramente reacionária, estúpida e subserviente aos covis mais parasitários da economia, ou seja, ao setor financeiro estrangeirizado.

Não por acaso, essa ideia tem origem naquilo que houve de mais podre no neoliberalismo: o sr. Milton Friedman e seus acólitos.

Assim, toda a conversa em **focalizar** (sic) nos mais miseráveis, nos mais desvalidos, nos mais indigentes, esconde apenas o objetivo de, com um pequeníssimo estipêndio de dinheiro público, mantê-los na miséria, na desvalia e na indigência.

Toda a política de desenvolvimento que tirou o Brasil de um atraso e marasmo abissal, teve



como característica **essencial** a elevação da capacidade de consumo – e, por consequência, de investimento – do conjunto da sociedade, isto é, da Nação brasileira.

Trata-se, aqui, da elevação dos salários e da consequente multiplicação de empregos, do aumento da produção nacional e do consumo de mercadorias produzidas internamente – por empresas nacionais, sobretudo, ainda que não exclusivamente.

Portanto, a questão é a elevação do nível de vida **geral**, através do aumento da produção e do emprego – do salário, a começar pelo seu piso, o salário mínimo.

Nada mais estranho a uma política de desenvolvimento **nacional** do que o abandono de seu caráter **geral**, através de políticas **focais**.

Uma política de desenvolvimento **nacional** que não é **geral**, também não é **nacional** – e, aliás, também não é uma política de desenvolvimento.

A política tipo “bolsa-família” ou “renda-Bolsonaro” é apenas a manutenção do status quo, isto é, do atraso e da pobreza, no melhor dos casos um pouco (mas muito pouco) lubrificadas.

O leitor pode estar perguntando se estamos fazendo uma condenação de toda e qualquer política para um determinado setor.

Certamente, não. O que estamos dizendo é que as políticas com foco em tal ou qual setor não substituem e não podem substituir a política **geral** – isto é, **nacional** – de desenvolvimento.

Como contraprova, existe a questão da distribuição de renda.

Em um livro bastante conhecido, Paul Sweezy estabeleceu, com base em Marx, a mudança na distribuição da renda como o sinal que marca um verdadeiro processo de mudança – vale dizer, uma revolução (cf. Paul Sweezy, **Teoria do Desenvolvimento Capitalista**, trad. Waltenzir Dutra, Zahar, 4ª ed., 1976, p. 78 e segs).

A mudança na distribuição da renda é, evidentemente, a redistribuição da renda entre as várias classes e setores sociais.

Com o “Bolsa-família” – ou, brevemente, com o “auxílio emergencial” – alguns setores aumentaram, ainda que pouco, a sua renda.

Mas não houve uma redistribuição da renda entre os vários setores. No caso do governo de Lula, o aumento da renda de alguns setores foi facilitado pelo boom das *commodities*.

No caso de Bolsonaro, nem isso. Portanto, programas desse tipo servem, precisamente, para tentar eternizar uma determinada distribuição da renda – sempre em favor do setor financeiro, parasitário, da economia.

É evidente que não estamos condenando ajudas “emergenciais” em geral – mas apenas afirmando, exatamente, o seu caráter “**emergencial**”.

A tentativa de transformar esse caráter “emergencial” em permanente equivale a querer congelar a miséria social, isto é, o monopólio da riqueza por uma faixa estreitíssima da população – e, sobretudo, por uma faixa estreitíssima de antros financeiros, que nem faz parte da população do Brasil, porque faz parte da população de outros países, já que a sede desses antros se localiza **no exterior**.

Resta dizer – na verdade, repetir – que, para Bolsonaro, esses programas de renda funcionam como um suborno a determinadas parcelas do povo. O modelo da corrupção é o máximo que ele consegue elaborar como relacionamento com o povo brasileiro.

Entretanto, ele (ou, pelo menos, Guedes) parece achar possível subornar sem nem ao menos gastar dinheiro, apenas **cortando** direitos ou benefícios do próprio povo.

É verdade que até Bolsonaro consegue notar que o povo não engolirá tamanha trapaça – daí os sucessivos freios de

mão que puxou na equipe de Guedes. Em parte é palhaçada, mas em parte é, também, o medo do que pode acontecer.

O problema é que já está acontecendo, com a redução do “auxílio emergencial” e a exclusão de milhões dessa ajuda.

Com o correr do tempo, isso somente piorará para Bolsonaro. As eleições do próximo 15 de novembro serão um introito para a situação real de sua trupe diante do povo brasileiro.

MARGINALIDADE

O fato é que o suposto – e miraculoso – lustro civilizatório de Bolsonaro (ou, melhor, sua miragem) foi pelo esgoto com o ataque hidrofóbico à vacina chinesa (v. HP 21/10/2020, **Bolsonaro diz que vacina chinesa “não será comprada” e dificulta país de se livrar da Pandemia**).

Já havia, então, mais de 150 mil mortos pela COVID-19.

Mas isso, foi o que sentiram os brasileiros, não tem a menor importância para Bolsonaro.

Alguns comentaristas atribuíram tal interrupção do teatro político bolsonarista, a que esse anormal, devido ao acordo com o Centrão, com a nomeação de Aras para a Procuradoria Geral da República (PGR) e de Kássio Nunes para o STF, estaria mais seguro do que antes, em relação às investigações sobre sua quadrilha familiar.

Não eliminamos a hipótese, pois Bolsonaro é tão estúpido que até isso é possível – achar que pode voltar a ser publicamente o que é, pois todos agora teriam de acompanhá-lo...

Mas, talvez o mais simples – e mais verdadeiro – seja dizer que ele jamais deixou de ser esse fascista arrogante, obscurantista e muar que ficou conhecido desde o fim da ditadura.

Pode ter enganado alguns, mas isso dura pouco, muito pouco.

Vejamos, então, a última ilusão da praça.

Dizem alguns que, com a eleição de Biden, Bolsonaro tende a se tornar mais contido e – quase se diz – mais razoável.

Essa ideia apareceu em vários órgãos da imprensa – e foi atribuída, inclusive, a altos oficiais das Forças Armadas, que teriam torcido por uma vitória de Biden, na esperança de que, sem Trump, Bolsonaro se torne mais sensato, mais racional, mais afastado dos batóteiros olavistas.

É compreensível que, diante da perspectiva de mais dois anos de vandalismo e subversão na Presidência da República, algumas pessoas estejam tão horrorizadas, que tenham a tendência a fantasiar um Bolsonaro mais contido.

Mas é incongruente esperar essa contenção – ou, pior, sensatez – de Bolsonaro.

Antes de tudo porque isso implicaria em que Bolsonaro é capaz de aprender alguma coisa com a experiência, isto é, com as derrotas.

No entanto, isso é tudo o que ele jamais foi capaz em toda a sua vida.

Hoje, continua tão adepto da ditadura, da tortura e do servilismo ao que existe de mais podre nos EUA, quanto era em 1987, ao afrontar a disciplina militar e atacar, solertemente, o general Leônidas Pires Gonçalves, ministro do Exército (v. HP 16/08/2018, **Terrorismo de baixa potência**).

A penúria espiritual do sociopata é terrivelmente sem mudanças – exceto para pior.

Nesses mais de 30 anos, se algo mudou em Bolsonaro, foi no sentido do maior apodrecimento: tornou-se um representante das “milícias” e grupos de extermínio, com operadores como Fabrício Queiroz e amigos como Adriano da Nóbrega, fundador do Escritório do Crime, e vizinhos como Ronnie Lessa, o assassino de Marielle Franco.

Tornou-se, portanto, mais marginal do que já era.

Suas tentativas de usar o poder público para conceder impunidade à sua família e aos seus sequazes, são sua única política real.

O resto, para ele, deve estar em função dessa nobre missão.

O problema é que “o resto” é o Brasil, suas riquezas, e, sobretudo, o povo brasileiro.